

s e f i c a r m u i t o d i f í c i l



m a r c o s v i s n a d i

s e f i c a r m u i t o d i f í c i l

p o e s i a r e u n i d a , 2 0 1 3 - 2 0 2 0

m a r c o s v i s n a d i

e d i ç ã o d o a u t o r

Nota explicativa

Este livro não existe. Começou a ser escrito quando a minha mãe me ensinou as primeiras palavras, até antes. Hoje sou um marmanjo de quase quarenta anos e, após não ter morrido, calhei de estar com vocês, com você, se estiver vivo, respirando esse *smog* de início de século; bem pode ser nosso último suspiro. Por desamparo, recolhi todas as bobagens que concebi na minha discreta vida de poeta e apresento assim: embora quase tudo tenha sido publicado na internet (em blogs e redes sociais), é a primeira vez que dou ao papel, e de uma vez, todos os versos que compilei, ao longo dos últimos dez anos, em volumes que poderiam ter sido impressos, mas nunca foram. Esta é uma reunião, portanto, de livros que nunca existiram. Até agora, sei lá.

As datas em cada título correspondem à última vez que o arquivo foi salvo no computador, quase sem alteração depois disso. Quer dizer: além de inédito sem ser, é tudo datado de antes, e chega hoje.

Enfim, ofereço isto aqui às pessoas que gostam do que eu escrevo. Gostar de algo é uma alegria que, nos dias atuais, não deve ser subestimada. Por isso, também estou tentando.

Marcos Visnadi

São Paulo de Piratininga, 9 de outubro de 2020

150 mil mortos de covid-19 no Brasil

Sumário

Sol no quintal (2020, em meio à pandemia)	8
Se ficar muito difícil ou A safada família (2019)	46
A vontade de viver (2014)	64
Hai cões (2017)	104
Poemas pra crianças (2013)	112
Língua no períneo (2016)	128
Relento (2018)	154
Bicho extinto (2020, antes da pandemia)	182
Créditos, agradecimentos e dedicatórias	244
Posfácio - Júlia de Carvalho Hansen	246

*and she will leave disaster
when she can.*

– *Lucille Clifton*, the poet is thirty-two

Sol no quintal
(2020, em meio à pandemia)

Nas grandes perplexidades, obriga-te a viver como se a história estivesse selada, e a reagir como um monstro corroído pela serenidade.

– Emil Cioran, Do inconveniente de ter nascido

*Eu sei que eu nasci
sei que eu nasci pra saber
(saber o quê?)*

– Rita Lee, Agora só falta você

[tombei no tempo]	11
Sol no quintal	12
O que faz a bicha com aids	13
[guarda]	15
[achar as minhocas copulando]	16
[que nem um cachorro]	17
[talvez a m/sorte nem chegue]	18
Paraty, 2019, tbt	19
[nesses prédios de porcelana barata]	20
[doença é tristeza do corpo]	21
[bem-vinda bicha gorda]	22
[a vida]	23
[mãe eu não te vi]	24
[meu tédio debutou na maior cidade do hemisfério sul]	25
[travo na boca uma pedra]	26
[quem escreve quer ser lido]	27
Morte dos ecossistemas	28
Poema de aniversário	29
A infância da arte	31
Antidepressivo	33
[a tristeza do corpo]	35
Alpinista	36
[deito com os cachorros no chão]	37
Poema de quarentena	38
[tudo que morreu]	39
Pro que der e vier	40
[no meio do cemitério da tristeza]	41
[com a coluna esticada em equilíbrio e alegria]	42
Cachorro sapiens	43
Agora vai	44

tombei no tempo
rolei no calendário

passei pelo minuto
achando que era sábado

entrei pela segunda
em abril que é setembro

ralei a minha bunda
no trinta e no primeiro

agora é meia-noite
dentro da tumba

soa a badalada
da ampulheta quebrada

meninos e meninas
a vida é funda

e cai destrambelhada
(mas do chão não passa)

Sol no quintal

no domingo, com deus dormindo
dei banho nos cachorros e em mim
passei a vista pelos números
crescentes de gente morta
hoje é segunda, depois de tantas
antes de tantas outras
é uma surpresa que o mundo ainda esteja aqui
nossa inabilidade de fazer melhor
uns poucos milhões de anos
o genoma desvendado, mas nem tanto
lá dentro nós não encontramos
o motivo de estar vivo

na dúvida, ando aproveitando
o roçar do lençol na coxa às três da tarde
vejo o lado bom do desemprego
enquanto não faltar remédio
oxigênio e chocolate
uma amiga boa pra contar piada
ou mesmo o céu, esse
azul sem dicionário

O que faz a bicha com aids

chora entre seringas e camisinhas usadas
procura as cavidades
nas bochechas o sarcoma
nunca aparece
enquanto toma os remédios
e o governo federal fornece os remédios
a bicha com aids vai até o postinho

é o dever
de toda bicha com aids
ir até o postinho e combater
bravamente
A PESTE
antes que ela chegue
nos héteros
nas estátuas de militares e presidentes
nos nenéns recém-nascidos
e transforme todos TODOS
em bichas com aids

uni-vos, bichas
todas têm aids
pulai do penhasco
e salvem a nação
de vocês mesmas

como se reproduzem
como acordam a cada manhã
depois de uma noite de drogas e orgias
o travesseiro molhado
das lágrimas da solidão

da orfandade
toda bicha com aids
refaz a *via crucis*
e choraminga afeminada
por que por que
me abandonaste

o que faz
como
se reproduzem
esta vida é infecciosa e purulenta
as doenças são nossas chagas menos terríveis

sejais mansas como gazelas mansas
não picais o inimigo com vosso sangue
deixais que o sêmen seque
sobre os corpos dos seus amantes
merecidamente mortos

a farmácia
proverá enquanto prover
provir
provier
e o hiv será três letras
amaldiçoadas em língua estrangeira
leves como o nome
que nunca pode ser dito

bicha com aids –
o que faz?
o que fazem?

guarda
esse encosto
esse nojo na boca
do estômago
indisposto
olhar para todos
tudo a seu tempo
vai pegar fogo
o siso do código
as cócegas
o gosto de ser
o não ser
sem volta
o foco se espalha
guarda e aguarda
tudo o que solta
também o que teima
agarra os ponteiros
afrouxa e aceita
mais cedo mais tarde
cede incendeia

achar as minhocas copulando
e torcer pra que a semente entregue
a promessa da embalagem
o filtro de barro separe
água e porcaria
pra que as crianças envelheçam como gostaríamos
melhores os séculos passados
a palavra orgânica impressa no compensado longa-vida
na imagem de uma amêndoa
os satélites só desvendam a destruição
alface brotar no paladar

que nem um cachorro
que fala e põe cuecas
criança
uma espada de plástico transparente
recheada de balas coloridas
mão dada à do pai
a gente também é carinho e violência
que nem qualquer bicho
mas com derivados de petróleo
que diferença

talvez a $\frac{S}{m}$ orte nem chegue

Paraty, 2019, t b t

o tempo
é a gente ficando
a matéria nas coisas
e deixando
o mundo aos poucos

ampulheta

*

três alemães
caem do caiaque
incontáveis camarões mortos
no prato aqui do lado
o sol me tosta
sabe lá quantos quilômetros de distância
(tenho dinheiro
pra mais do que preciso)

*

irmão camarão
morto empanado
a vida é violência
você também me empanaria
no topo da cadeia alimentar
tudo é quase alegria

*

um cachorro late
no fundo do mar

nesses prédios de porcelana barata
o tempo passa que nem ácido
eu tenho um jeito sóbrio, eu tenho saco
de ser mais um na linha sucessória do passado
raça de hortaliças sensíveis
gente de plástico biodegradável
mora aqui
chama de casa esses cacos

doença é tristeza do corpo
tem muita gente triste por aí
e é disso que sempre se morre
ainda que a euforia cause um pulo da janela
e a calma previna que se corra
vem o carro e te atropela
a tristeza contagia e se dispersa
míngua, inflama
chega atrasada
fica com a fama

bem-vinda bicha gorda
o refluxo ainda vai me levar
a vida é esôfago
ferida funda de ácido
desejo que vai e vem
peristáltico
a gente esparrama pra depois da gente

you quis um país e morreu antes
agora aproveita
alvorada
magnésia bisurada

a vida
é um cano
escuro
um tubo
de ensaio
cilindro
opaco
um corpo
cavernoso
de gosto
esgoto
e desgosto
um poço
brilhoso
entrada
saída
passagem
que espraia
comedida

mãe eu não te vi
 atenta no ventre
 lá dentro eu me mexia
quer dizer, tô quase pronto

nasci pra caramba
nem vi
podia ter ficado
mais tempo no forno

mas eis-me aqui
 valeu pela vida
 morrer morrer
não morri

meu tédio debutou na maior cidade do hemisfério sul
cheiro de mijo no sol
pênis fácil
o pião da felicidade não para de rodar
se acontece na vida, acontece nos filmes
brad pitt luta contra a morte
e vence
e perde
dez mil anos de enxaqueca
a fazedora de docinhos se vingando
envenenados
o governo decretou novo estado de sítio
já é o sétimo da semana
rios que dançam valsa
no subsolo dos esgotos
um cortejo caótico de ratos
meu tédio já viu tudo
corta o horizonte como se fosse melancia
o que fica sobre a mesa é um sorriso
vermelho e doce
cheio de sementes

travo na boca uma pedra
nos dentes da mediocridade
minhas tetas minhas ancas de banha
não vão te dar filhos
não vão te dar leite
ô história
você que se foda
os consolos da histeria
com ferida serei ferido
não por vontade
nem tampouco à revelia

quem escreve quer ser lido

eu quero
um salário vitalício

só as benesses, nenhum dos problemas
da paris hilton

uma vida longa e sem suplícios

que me leiam
só os meninos bonitos
e cegos

braille com o pinto

a fama não fez bem
a jesus cristo
nem aos beatles

o que eu quero
não vale a pena

passarinho
analfabeto
virar livro

Morte dos ecossistemas

bonito o céu
parece filtro
de aplicativo
cinza disperso
cor de destino
parece a volta
de Jesus Cristo
apocalíptico
porém tranquilo
fumaça quente
vermelho morto
acho que a gente
no fim de tudo
queimando o corpo
e sufocando
seca de lágrimas
triste e aflito
vai de repente
olhar convulso
olhar pro céu
e num suspiro
estertorar:
"é tão bonito"

P o e m a d e a n i v e r s á r i o

1 (*adagio*)

nascer
eu podia
ter passado
sem essa

2 (*allegro ma non troppo*)

um demônio
todo limpinho
bonito que nem jesus cristo
veio me afagar no berço
não disse nada
mas me fez
essa marca calada

3 (*moderato cantabile*)

das entranhas vieste
podia ser do cacete

essa longa e mordida
estrada da vida

quebra os teus dentes
chupe e aproveite

o gosto do pó
os seus nutrientes

toda a comida
só acha na ida

4 (*andante, cosa fare*)

dá pra levar as coisas com leveza
olha só
i equilibriste na ponta do pregue
múltiples pregues

se for um só
na cama di faquire
o aço entra na unha
socorre

por isso é assim
a cama tem muites pregues
não é um colchão macio, mas dá pra dormir
o peso distribuído pelas leis da física
sem coceira que resista

bailarina, bailarine
dá pra ser leve até pra ume elefante
tromba alegre na poça
trombe e tombe no possa

e a baleia
que biche enorme!,
no oceano, até parece
~ uma pena voando

A infância da arte

eu lembro
era uma terça-feira
e inevitavelmente na tv cultura
passava um programa dedicado ao poeta
ferreira gullar
ainda vivo, que falava e gesticulava
na sala da casa apinhada
alugada pra uma temporada
na praia

meu pai e minha mãe
numa cumplicidade bonita que me excluía
riam enquanto preparavam o lanche
e a visita próxima
ao mar

eu não entendia
o motivo da risada
será que era o cabelo
o jeito meio afeminado
a boca mole ou outra coisa
de antes
do quarto ou da cozinha
eu não sabia

tive vergonha de ser poeta
tive vergonha de ser bichinha
se bem que essas duas coisas
eu ainda não era naquele presente
era um barco ascendendo no horizonte
era uma rola aparecendo pelo zíper

mas era uma âncora e uma gaiola
a vergonha

fomos pra praia poluída
eu não me importava (muito) de nadar
entre cocôs e garrafas
e sacos de plástico
depois ficava me coçando
o cheiro ruim da alegria
nos dejetos

poeta
era uma bicha velha desengonçada
celebrada na tv
feito palhaço

era de se apreciar
num veraneio sujo e abarrotado
o último
antes que meus pelos crescessem
e eu desmunhecasse pra sempre

Antidepressivo

apesar de ter
o corpo moldado para o sucesso
(mais de trinta anos realizando
trocas completas com o ambiente
e terminações nervosas
cheias de boas surpresas)
tenho vontade de me adiantar à extinção da espécie
dizer não deu certo
não pude
não pudemos

marcos
você merece esse aumento
esse amor
o açúcar o sal
e todos os *boys*
e os momentos de algodão
você merece
prêmios sinceros
admiração de um sem-número de anônimos
noites de gala
não ter morrido até agora
e depois a diabetes, a perda, a dor incessante
mas também as coisas boas
aproveite

deslizo no tapete vermelho
inflado de gases
absorvendo os nutrientes
só vejo *flashes* tristes
prego só vê martelo

e subo no pódio
dentro de um quarto escuro

quero agradecer
aos milênios que me antecederam
eu nunca teria chegado aqui sem vocês
mãe, pai, trauma
complexo de abandono, recebo este prêmio
em nome de cristo e da escola dominical
não posso deixar de mencionar
o *big bang* e a evolução, ou deus
provas sumárias de que a teleologia do fracasso
é uma ilusão
e você
que está me vendo
nessa página, nesse palco
na tela do seu celular
eu já fui assim, pode crer, portanto
não se mate por enquanto
você não perde
por esperar

a tristeza do corpo
alcança a cabeça

cem mil cadáveres
é cadáver à beça

o corpo só é corpo
até que pereça

depois é só número
ou lembrança que começa

Alpinista

era uma vez eu punha palavras no papel
e cada rabisco
era outro gancho na escalada

hoje
jogo as letras no vento
se algo brotar que bom mas se não
tudo bem

achei meu próprio pico
olho daqui com assombro com tédio
alegria

agora escrever é tomar fôlego
logo escrever será descida

deito com os cachorros no chão
eles estranham
pra eles, imagino
é um prazer indesejado
outra espécie traduzindo-se
eu só quero ficar quieto
coçar as coceiras lamber as partes
vinte minutos e me sinto mais eu mesmo
agora levanto
me espano
volto à linguagem

Poema de quarentena

dou pro céu uns sinais
de rendição não sou aceito
nos portões da eternidade
nem queria mesmo

quase da altura dos cachorros
olho pra cima também bocejo
lambo os outros, as feridas
com rabo e busca gasto o tempo

tento deixar as plantas vivas
tento fazer brotar alguma coisa
tenho muito pouco sucesso
paciência

no coquetel *molotov* do momento
a ira de deus é arbitrária e inútil
quando cansa a gente dorme
e toca o céu com a ideia dos dedos

queimem as cidades
cresçam as crianças
os cachorros latem
no contratempo

tudo que morreu
bem antes deste medo
me visita pra ninar

não é aqui nem agora
estreia alguma
os átomos se desfazem em *quarks*
faz tanto tempo
mas a gente, a morte, entende
que o primeiro arrepio de um corpo
é um primeiro arrepio no mundo

salões de festa
chá de bebê e aborto

procure colo
encontre
nem tanto

o espaço vago é um vazio ilusório
ninguém aqui vai fazer pouco da ilusão

morto não fala
vivo quase
também não

Pro que der e vier

parece que asfaltaram o céu
jaguares caem cinzas no jaguaré
onde já não se via
paca tatu cotia
neve de filme, distopia
o ar é mais difícil de respirar

como vai ser viver
num deserto urbano
terra arrasada, máscara na cara
caçando ratazanas pra assar na brasa
à busca de plásticos com poças d'água
e internet *wi-fi*

das altas torres do privilégio
ao fundo fértil dos bueiros
que as sustentam
silêncios e gritos vão se ouvir
canções de ninar, barulho de tiros

não deixe de acenar
não se esqueça de rezar para os espíritos
dos bichos vivos
mate um homem, dê um susto
no absurdo
guarde e aguarde um melhor mundo

aos poucos, aos socos
tudo vai se acertar

no meio do cemitério da tristeza
uns passarinhos cagam enquanto voam
o desemprego é o menor dos seus problemas
céu azul sobre a fumaça
animais que destroçam os filhos a dentadas
o coveiro precisa de ajuda
vinde a mim
os futurozinhos
todo mundo que ficou pelo caminho
o que é brilho no horizonte ao fim da noite
o amanhã não te promete nada
mas às vezes de repente
ele vai lá e cumpre
é um jeito fácil de dizer que vai ficar tudo bem
a gente tropeça nos ossos
a gente tropeça nas flores
da matéria e do sonho
só interessa o que sobra

com a coluna esticada em equilíbrio e alegria
e o focinho à procura de aventuras
o cachorro vive sua vida
atormentado só pelas pulgas

dez palmos de língua pra fora da boca
um acaso que não desiste
o cachorro cumpre sua missão
de mijar em tudo que existe

C a c h o r r o s a p i e n s

o Panguá é vida louca
já pôs de tudo na boca

comeu pilha
plástico seringa
bebeu cloro
pastilha de cloroquina

depois de uma década
de fogo na caçapa
depois de uma noite
internado com gastrite
sem perder o apetite
se pudesse, ele falava:
eu não me arrependo
de nada

A g o r a v a i

só quero pôr pra dentro coisa boa
sem agrotóxico
piroca de plástico desinfetado
toda comida fadada a virar merda
de qualidade
sentimentos de afeto pela mãe que me abandonou
num cestinho na porta da pandemia
vou devolver pro mundo na mesma moeda
coquetel *molotov* de felicidade
vírus e bactérias variadas
tudo rosa, carmim, furta-cor
planta e colhe petróleo
meninada
o deus do amor
voltou!

Se ficar muito difícil
ou A safada família
(2019)

*Me arrumei tanto pra ser aplaudida
mas até agora só deram risada*

– Linn da Quebrada, A lenda

Ressuscita!

– Pablo Vittar, Todo dia

[nã o tema]	49
[se ficar muito difícil]	50
[te acham pelo traço de nada]	51
[o moço]	52
[se deus tivesse feito as bichas]	53
[se for fácil]	54
[bicha]	55
[vai]	56
[era]	57
[se ficar muito difícil]	59
[o homo]	60
[se a sagrada família arrecada]	61
[nã o tem nem dúvida]	62

não tema
liebling
tem mais
de onde eu vim

uma quase
infinita
fila de ruínas
me enchi

não olhe assim
liebling
como quem espera
algo de mim

se ficar muito difícil
anota algumas dicas
deixa uns papezinhos
com xingos
e afagos no ônibus ou no metrô, lembra
quando ninguém queria saber
se você existe, quem é você

te acham pelo traço de nada
na pele do dedo
perdigotos, pentelhos
vão analisar minha letra e dizer
claramente confuso
enfia um ovo cru no cu do pederasta
senta na farinha
não tem pregas
e se põem você na fogueira
o peida-porra explode tosta
vira um grande bolo de fruta
família em volta aplaudindo
vão cantar e engasgar no guaraná
ninguém te dá nem uma gota de vinagre
apagar a sua pira, ninguém
queima, quengaral
daqui pra trás é só alegria

o moço
me pegava pelas pernas e esfregava
a minha cara pelo tronco
sungá azul
pernas finas e tchibum na piscina
aí, se eu me afogava
me trazia pro mamilo
me dizia – fica bem
quietinho
e brincava de me amar
ele sendo a minha mãe

se deus tivesse feito as bichas
não fazia a flatulência

quem vai querer comer esse cu peidorreiro
quem

o inferno
é aquele fogo por causa disso
os viados, tudo frouxo
foi alguém
acendeu um fósforo

se for fácil
miguxinha
passa um fax
no fascista
morde o coiso
daquele coiso
deixa o ocó
desacoisado
se for fácil
estraga as pregas
do pai de família
senhor distinto
cidadão de bem
deixa ele sem
pregas sem pinto
sem graça
quando o *brother* perguntar
cara
seu cu tá frouxo
cara
cadê sua rola
coitado
vai ter que dizer
tô largo
e ela
escapou da gaiola
fugiu
foi ciscar pra outro lado

*bicha
não é fácil
não é difícil
não faz a louca*

vai
rebola na valsa e vai
esfrega na cara
ai
não deixa essa faixa cair
você é mais
você é miss
agora vai
cai não vai se quebrar
faz que não vai faltar
lacra e manda a conta
pra quem se incomodar
agora
vai

era
uma vez
uma bonita
tão bonita
que todas as bonitas
invejavam-lhe a boniteza
e disseram
vamos fazer ela ficar feia
e as bonitas
que não eram tão bonitas
jogaram ácido
esfregaram fezes
rasparam na brita
a cara daquela bonita
quando viram
o resultado
que babado
ela toda deformada
ainda era mais bonita que as bonitas
recalcadas
elas disseram
vamos cortar a cabeça dela
vamos dar ela pros porcos comerem
vamos tirar foto com um filtro bem cagado
foram lá
e fizeram
e a bonita
tão bonita
já não era
porque morrera
que judiera
mas quando perguntam ainda hoje
qual bonita é a mais bonita
ninguém

nem titubeia
tem aquela
aquela outra
e mais aquela
tudo feia
comparado com a bonita
com aquela
a primeira

se ficar muito difícil
se vetarem a vaselina
se secar o cuspo
se não tiver mais jeito

lubrifica
com saliva
respira fundo
vai com jeito

o homo
sapiens
não sabe o que faz
nem de onde
pra onde
pra quem
eu não sei
se gay
por um triz
é uma bênção um fosso
uma seta uma bala
perdida
uma ferida aberta
uma cicatriz

se a sagrada família arrecada
estoques de bichas

se a safada mobília abraça
esse sono indigente

se a cada esquina se acaba
o moinho de vento

eu não sei
se se sabe

se tudo é estátua
e camufla movimento
se as células se movem
levando o imóvel dentro

não tem nem dúvida
tá sentindo esse ventinho
é o peido do futuro
ele chega em todo mundo
o que é deles tá guardado
depois eles vão pedir
o nosso prendedor de nariz
nã-nã-ni-nã-não
a sua hora de cheirar
chegou

A v o n t a d e d e v i v e r
(2 0 1 4)

Quem não ama a vida não a merece.

– *Leonardo da Vinci*, Wikiquote

*pode não se ser triste
sai muito caro
mas poder pode-se*

– *Adília Lopes*, O Luna Parque

[criança, bicho, velho]	67
[se a vida fosse um cachorro]	70
[o dr.]	71
[Eu quero enfiar tudo no meu cu...]	73
Fábulas	74
[os rabos se perdem]	76
[daqui a um trilhão de anos essa]	77
[me espanta que tenha tanto]	78
[tem que deixar a casa arrumada pra receber a visita]	79
Carta para o HIV	83
[se deixo]	90
Tóxico trívia	91
[quando imagina que nave]	92
[tufões de tias engolem o chão]	93
Histórias de zumbis	94
[as formas]	96
Aquarela do Brasil	97
O anjo da História	98
[não esqueça]	99
Adeus	100

criança, bicho, velho
hoje aprenderemos sobre a vontade de viver

uma mulher de cento e um anos
se suicidou na Rússia no mês passado
após passar duas ou três vezes por hospitais
em que tentara sem sucesso se matar
dizendo eu não aguento mais
a gente se choca com a notícia
"se aguentou até os cento e um anos,
que esperasse só um pouquinho"
a mulher senta e espera
toma vodca e come castanhas enquanto espera
na Rússia comem batatas?
não tenho vontade de comer batatas

navegantes europeus roubaram dos incas
quinhentas mil toneladas
de batatas
levaram da Irlanda ao início da Ásia
e as mulheres incas amarravam-nas grávidas pelos pés,
dependuradas
passavam com um cavalo e espada e as estripavam
os futuros mortos morriam antes de nascer
dependurados das mães dependuradas, quase mortas

"não quero batata"
"a senhora precisa comer!"
"sai da minha casa"
"(xingamentos em russo)"

viver não é tão ruim
só parece, porque
você tem cento e um anos

e não vê mais graça em nada
o corpo dói
a carne é fraca
e todo mundo morre

(quando vai estar na hora?)

"tem gente que gostaria de estar no lugar da senhora!"
acham-na mal-agradecida
com o dom da vida
ela passa a língua pelos buracos
entre os dentes onde a língua encontra
e acasala com a gengiva
um amor duro áspero molhado fazem as duas

e infértil

a Rússia é o maior país do mundo!
pensa que a senhora passou até pela revolução!
sobreviveu aos campos da Sibéria!
sobreviveu ao comunismo e ao que veio depois!
Gorbachev 89 homofobia guerra na Crimeia

mas encontraram num dia a mulher morta

então eu já posso abandonar esta história
que é sobre a vontade de viver

...

como a vontade de viver sobrevive à mulher morta?

tem que ser assim: há quatro bilhões de anos / moléculas
nervosas se juntaram e formaram / carbono que eu não sei /
as primeiras protobactérias / simultâneas num acaso certo / e
nós somos seu desdobramento / vem um vírus que se alastra
e mata / o vírus também é a vida que quer viver / esse é o
seu ensinamento / tanto é que depois da mulher morta nós
continuamos aqui / pondo veneno nas batatas para matar os
cupins

...

quem pode mais chora menos
manda quem pode, obedece quem tem juízo
falou do diabo, aparece o rabo
de grão em grão a galinha enche o papo
batatinha quando nasce
esparralhama

se a vida fosse um cachorro
que rabo
abanaria pra dizer
bem-vindo ou
pegue aquele osso
e jogue ele pra mim se a vida
passar antipulgas levá-lo
em passeio à próxima praça
onde vizinhos reúnem suas vidas
e põem elas pra brincar
umas cheiram
os cus das outras
mordem-se e ficam
de barriga
pra cima pra dizer
você é quem manda se a vida
me dissesse isso com a língua
dez palmos
pra fora da boca
eu a poria na coleira
e levaria de novo
pra casa?

o dr.
yip
viu
a minha língua

que vermelhão!
são problemas do coração

e do fígado e da vesícula
que também têm sentimentos

depois
o dr.
yip
pôs
agulhas no meu travesseiro
deu bolinhas coloridas pra tomar

dia 1, começo o tratamento

até agora nenhuma diferença

coletiva de imprensa
doutor
yip
hiv
tem
cura?

hiv são tlês letlas
cula quatlo
plóxima pergunta

a plateia tem medo
de agulhas
e de piadas racistas

o dr.
yip
ri

Eu quero enfiar tudo no meu cu, mas minha mãe não deixa. Quando ela não está olhando eu coloco bolinha de gude caneta lata de fermento em pó. Outro dia ela me pegou colocando o frasco de xampu e me bateu. Eu coloco e deixo lá. Uma hora sai sozinho, o cu cansa, é assim mesmo, tudo uma hora cansa. Menos minha mãe. Ela ficava sempre do meu lado, me vigiando, mas de repente tinha que atender o telefone fazer cocô ou outra coisa e lá ia eu, anel bolacha sabonete, o que estivesse à mão. Ela me bateu e me levou no médico e ele brigou comigo e disse que se eu não parasse ele ia ter que me costurar. Eu não parei. Aí ele me costurou. O meu cocô agora sai por um furo na minha barriga, mas lá eu não quero enfiar nada, e no cu não cabe mais coisa alguma. Então eu fecho os olhos e fico imaginando: uma moeda, uma gravata, um antúrio, um elefante, este livro, você, o mercado editorial, tudo sendo deglutido por um imenso e apertado buraco negro alheio a qualquer vontade.

F á b u l a s

A onça andava triste e encontrou a anta que voltava da ioga, esta lhe disse exercite-se e a onça estraçalhou-a num pulo, moral da história: a predadores não dê palpites.

*

Duas capivaras viram deitadas um mico voar bem distante das copas, uma disse à outra mico agora voa, levou uma cagada na cara, a outra disse à uma não só voa como caga, moral da história: embaixo da copa capivara vira fossa, moral da história: se vires um mico, corre ou corres perigo.

*

A garça não encontrava lugar de pouso e parou em cima de um hipopótamo que lhe disse eu não sou heliporto a garça respondeu e eu não sou helicóptero moral da história: sê preciso nas palavras, moral da história: se fores hipopótamo, o que fazes no Brasil?, moral da história: se não quiseres ser posto de pouso, não te pareças com um.

*

O tamanduá e o miqui queriam brincar com o psicólogo e amarraram-lhe o rabo nas obras completas de Freud, não perceberam que o psicólogo não tinha rabo este chamou a polícia que matou os bichos com vinte tiros cada de revólver, moral da história: o mal-estar na civilização é já o bastante, não fode, moral da história: se quiseres brincar, fuge!

*

O psicólogo e o policial estavam com fome e compraram no açougue dois quilos de orelha de porco três peitos de frango e uma língua de vaca. Tempere tudo com sal grosso e asse na brasa. Moral da história: duas bocas mais que uma engolem, moral da história: policial e psicólogo têm estômago, moral da história: cuidado com quem tem fome, mas mais ainda com o dono do açougue.

os rabos se perdem
na história se tornam coluna
encolhida em cima de uma
cadeira, caídos formam rastros
que nos levam de volta
pro passado, quando ainda
não tínhamos perdido
o trajeto de um futuro
incerto, o asfalto no meio
do afeto, as cidades surgiam
nos sonhos, os países sumiam
na água, atlânticos fugiam
do fim, descartaram os mapas
do fim para dar um começo
sem medo, deu certo
até certo ponto

agora mapeiam o mínimo
dentro de cada meninx
iluminam os caminhos
íntimos ínfimos
habitamos as cavernas
nosso corpo enquanto
não nos dão à força
pirâmides e outros prédios
de vidro
em que teremos conforto
pra não aprender
mais a fazer
o fogo

daqui a um trilhão de anos essa
tendinite achada com
melancolia numa escavação das raças
futuras. você também, de coração
acompanhado pelas relíquias sagradas de
plástico, chega junto dinossauro
da minha afeição grande réptil
do que não deu certo, astros
da televisão num caminho mamífero
de gordura se torna pedra, carícia
essa palavra osso entrada em
anos entardecer da nossa era,
me agarra o solo nos espera

me espanta que tenha tanto
vento entre as montanhas e terra
em movimento e oceanos feitos
de superfície e profundezas
um monte de bichos dentro
as praias devolvendo
aos olhos água externa
salgada como a deles mesmos
nós sólidos até que a morte
mostre o solo enfim imóvel
oxigênio de outros vivos um ar
azul visto de fora no centro
um fogo desconhecido

nasce e soterra muita gente
lava laranja pedra noite fico
espantado com tanta coisa
que me parece tédio constante
grandiosos mesmos elementos
combinam-se e causam o que parece
cansaço acaso e um invisível
sopro feito de imperioso
inquietação fogo desconhecido

Cuide-se, leve uma vida saudável e feliz.

– Conselho que as pessoas dão

Você já tentou fazer ioga?

– Falam também isso

tem que deixar a casa arrumada pra receber a visita.

faz café. café ainda não. faz uma torta.

acho que eu vou sair e comprar uma torta. aí faço o café.

vem a visita, olá, querida, tudo bem, que saudaaaade.

senta a visita, dá de comer pra visita.

o filho na sala abre a bolsa da visita e tira uma nota.

eu nunca vi tanto dinheiro, a nota azulzinha.

azul, minha cor preferida.

a cor do céu.

põe o açúcar. não posso por causa da afta. açúcar e frutas cítricas.

é uma mulher tão bonita. ninguém adivinha que tem afta.

sífilis, hiv também não adivinha. esquizofrenia também

/ não adivinha.

a nossa vida é tão bonita!

então espera. disse que ia chegar às quatro. que horas são?

/ ah, sim: são quatro.

ninguém responde porque eu estou sozinha.

eu sou a minha mãe. mas minha mãe não é ela. e eu espero uma visita.

aperta as mãos uma na outra. parece que vai cair.

ha ha, é engraçado, eu sempre tenho essa sensação.

"da cadeira, você diz?"

ela ri – ha ha ha – não, não

não sei. só assim: cair.

"bom, se considerarmos

que o universo é um vácuo em movimento
sem norte, sem sul, sem centro
estamos sempre em queda"

(detesto quando ela começa "se considerarmos")

(mas é verdade!)

aperta as mãos com mais força.
quatro e meia.
a gente faz isto: põe a toalha na mesa mais bonita,
prepara delícias e fica esperando deus.
deus deve ter se esquecido. ou bateu o carro no caminho.
não coma toda a torta! é pra visita!
vou pro meu quarto chutando o vento.
naquele tempo não tinha internet. mas mesmo que tivesse.
a vida é o tédio esperando o tédio.
aí alguma coisa acontece!
aí tédio tédio tédio...
se eu vivesse sempre na sibéria, talvez não conhecesse
essa sensação de abafado meio de tarde
azucrinantemente quente
e claro,
chegaria aos cento e um,
ainda não são cinco.
já sei: vou fazer algo enquanto isso.
pego papel e quero escrever um lindo cartão de fim de ano.

BOAS-FESTAS, MEUS AMIGOS!
MUITO AMOR, PAZ E PROSPERIDADE!

a criança vaga pela casa crescente fantasma.
meu filho está morto e ninguém vem me ver.
"para de andar um pouco! você me desconcentra!"
ela retoma. (morta estou eu.)
aí você não é mais a sua mãe nem você mesmo: você é a visita.
que atrasa e que não vem.
as pessoas ficam se perguntando "mas onde estará...?"
a depender da tua credibilidade, quem te espera se preocupa
"que será que aconteceu...?"
ai, tomara que esteja tudo bem.

MEUS QUERIDOS AMIGOS,
UM ANO-NOVO CHEIO DE PAZ, AMOR E PROSPERIDADE
E TOMARA QUE ESTEJA TUDO BEM!
:)

o tempo fecha.
é verão, vêm essas chuvas de fim de tarde.
eu não sou mais a visita, porque eu não vim.
assim como o céu não é mais azul.
um cinza chumbo se precipita antes da noite.
e antes de ontem, e antes de antes de ontem,
até o princípio do fim dos tempos esse chumbo comemora
a cada ocasião, perto dos trópicos, o fim de uma espera
pela visita.
(querido céu, não caia em mim)

e logo ventos
de novo uma tormenta

fechamos a janela
porque é isso o que fazemos

a janela fecha.
nos escondemos no centro da nossa sobrevivência
ameaçada por uma coisa tão banal
"agora eu posso comer torta?"

you mata o seu filho enforcado
num descontrolo da lógica.

(chove, chove, chove)

"pode, sim. vamos comer."

quantas tardes eu a gente ainda
vai se sentar aqui para comer
depois delícia, e digestão,
depois vem o depois, e depois vem mais depois.
faz um café com leite
"tá tudo muito gostoso"

é muito frustrante quando a visita não vem
poxa você prepara tudo com tanto carinho
depois tem que comer tudo sozinho
e antes veio o antes, e depois virá o depois,
e no meio disso – pode ser que venha –
pode ser que venha, que não venha

– campainha –

C a r t a p a r a o H I V
para Maria Mejia e Pablo Pérez

a alma é húmida

– Al Berto, O anjo mudo

sem destino
nem destinatário
acordei sem deus
sem estar acordado
numa grande fila
sem antepassados
meus amigos mortos
mas acordo:

meus amigos vivos
e eu também

ainda tenho
as mãos boas
por quanto tempo
ninguém sabe
e não importa
quanto tempo
você tem
ninguém sabe
também

o tempo
meu amor
empapado

nas nossas células
nos protege
contra o vácuo
que o universo
nos promete
e vai inflando
por dentro
dos núcleos
multiplica
e explode
ficamos cheios
da carga do tempo
o resto é medo
e amor que nasce

morrer antes
de todos
os meus amigos
ou pra sempre
no pensamento
positivo
vitaminas e exercício físico
o exame periódico da glicemia
e o cd4 controlado
um marido com plenos direitos
janta, sonho
da casa própria
e do mestrado
sobreviver
sem anticorpos
com os mais felizes prognósticos

para quê?

*

como é que faz
se o meu corpo me diz
não te quero mais
e falta tanto por descobrir
o povo tem fome
de cravos-da-índia
as caravelas esperam
feito águas-vivas
do porto desbravaremos
continentes

mas não eu
coberto de escorbuto
prévio a negra peste
mãos esqueléticas sem remo
fico jovem
nem pra velho do restelo
as portuguesas choram
as noivas ficam por casar
o mar engole meus companheiros
num futuro de horizonte
terra redonda que some

e eu
manhã
que medo
acordo tremendo

deitado na areia
rápido esfria
a madrugada
sem água
o sol queimando
o sarcoma de kaposi
naufrágio na terra
dos meus pais
como é que eu faço
se o meu corpo me disser
não te quero mais?

a sífilis
descoberta epidêmica
no século quinze
matava rápido como a aids
nos anos oitenta,
se esperar
século trinta
vencerá
as novas formas
epidêmicas
me deixarão
datado entre a praga do século
um romance
de moças nas montanhas
tísicas tirando
as costelas em resguardo
de pureza e de sexo e uma gripe
mais forte e uma cura
qualquer

deus antes de ir-se me deu
a historicidade das doenças
para que eu não me aborreça

tudo vai e tudo é vão
deus nos deu só o que é bom

*

todas as tartarugas
rompem ao mesmo tempo
ou quase
seus ovinhos
de casca mole pra répteis
tão duros, nascidos nos dinossauros
depois atravessam
uma vez eu vi
na televisão que uma cidade
tinha migração de sapos no meio das ruas
ou seriam aligátors
crocodilos mais que grandes
mal nascidos e já migrantes

depois
conseguiram um salário
e contas a pagar
subiam a correnteza
pulando contra as águas
para desovar
a menos que um urso
os agarrasse
para viver

nos reunimos
eu e os bichos
a trocar experiências
eu conto que contraí uma doença
e antes disso era *hippie*
embora tudo seja meia verdade
mantivemos a música dramática
depois comemos salgadinho
enquanto os colegas de trabalho
balançavam a cabeça
compadecidos e diziam
"que dureza..."

duro
é o que eu tenho entre as pernas
que acorda
apesar de tudo
mesmo quando eu não quero
e sai da toca
se arrasta na areia
e chega no mar

grande água na nossa carapaça
sal e rumo sem fronteiras de correntes
no entanto solte um bote à deriva
ainda que afunde ele chega
ainda que aporte ele entrega

filhotes de futuro diluídos no presente
antigas técnicas de decantação me são passadas
depois de tantas vezes que eu não morri

durmo adulto sobre os bens adquiridos
mas faço, da matéria que não tenho:

um casco que sustenta
às minhas costas, quatro elefantes

nas suas trombas, continentes,
tudo o que você quer
mas também tudo

aquilo que ninguém nem imagina

existir

se deixo
um silêncio entre
as pausas (os ex-
namorados, o trabalho
atrasado, a passagem
de volta) meu
fígado cresce e me encontra
deitado na cama
sem vontade de ter
fígado

ele
me lembro
é um órgão que cresce sozinho
(e é o maior do corpo humano)
digo: se corta, cai a metade,
se falta e ninguém sabe
aonde o levaram
o fígado infla, ganha
mais células, reproduz-se
sozinho

penso "pai,
dê-me a capacidade de ser fígado"
penso "credo", me arrependo
e deleteo o deus do pedido

era bem se fôssemos todos
diferentes mas nisto siameses
compartilhando do mesmo órgão grande

massa escura e mole comum a todos
ninguém poderia dizer assim, à pessoa ao lado
"deste fígado não comerei"

Tóxico trívia

menino bonito
com câncer no ouvido
morre e vira
quimioterapia
na natureza
moço com aids
quanta química
eu tomo dará
depois de excretada
pro mundo pesadelos
como os que eu tenho
homem no sonho
pai morto de câncer
quanto tempo até
que
os cabelos caídos
atômicos cheguem
na matéria acordada
dos meus próprios ouvidos

quando imagina que naves
invadem alienígenas o corpo
preparado com carinho
a mãe passou talquinho
a vida pôs as fraldas
caminho sem sinais de perda ou fim
não se anuncia o fim tão cedo
dias e noites se sucedem
sem que nada cheire estranho
ameaça raios que atinjam
não espera que aconteça
mate a mãe e os vizinhos
se o planeta cinde em dois
não é coisa da sua cabeça

tufões de tias engolem o chão
pra cuspi-lo em quinas sobre
o voo livre

jogam-te a casa na cabeça
pra roubarem teus sapatos mágicos
serão babados por um cachorro chato

espantalhos se enchem de intelecto
e leões se pensam com medo
os robôs amam mais
do mesmo

amaldiçoe essa estrada
e tinja os tijolos
de vermelho

Histórias de zumbis

O verão mais quente da história do país liberou nos mortos uma enzima ou sabe lá e eles se levantaram como podiam, as covas ao contrário, fedendo andaram atrás dos vivos com dentes pra comê-los. Assustados, os vivos morderam primeiro.

*

Final de Copa do Mundo, o time do Brasil em campo no Maracanã cercado pelo exército, a presidenta e o presidente da Fifa apreensivos sorrindo para as câmeras, no exterior a imprensa noticia que zumbis tomaram o país e ameaçam as seleções do mundo todo, granadas estouram do lado de fora, um jogador sai de campo chorando sob vaias de pessoas que pagaram muito caro para ver esse jogo e agora esperam que o mundo dure pelo menos mais um pouco.

*

As balas atravessam os crânios embaixo dos cocares. Matar esses índios filhos da puta. Porta-voz da presidência da República: lamentamos que a epidemia tenha atingido a totalidade dos povos indígenas. As Forças Armadas não pouparão esforços para proteger o resto da população, que enfrenta a ameaça dos mortos-vivos altamente canibais. Permaneçam em suas casas, com as luzes acesas.

*

Formaram comunidades fora das estradas e levavam pra lá cada nova pessoa contaminada. Uma ordem judicial

mandava desocuparem o lugar. Depois o governo dava, a cada zumbi, uma ajuda de custo pro aluguel e um menino negro de café da manhã.

*

A Polícia Militar testou hoje uma nova tática para conter as manifestações e inibir a violência de vândalos. Treinados com artes marciais e armados apenas com facas e garfos, os policiais comeram aproximadamente 230 manifestantes temperados com sal grosso. Segundo o comandante da PM, a operação foi um sucesso. O governador declarou que irá se encontrar com a presidenta para discutir novas estratégias de segurança pública. Especialistas afirmam que o país tem fome.

as formas
dos nossos pés
cabem nos rostos
ergonômicas
de modo escolha
se pisado
a eternidade
pela bota
ou língua
recolhe áspera
cócegas
ou filho
agita ao céu
os beijos
ou sol
eclipsado
na sola

Aquarela do Brasil

esta cidade rasga a peste
nas hélices dos helicópteros caem
como confeitos automóveis
atropelam a morte a cada
sinal verde engole o céu
detento

o estrume
cospe
molotov

O anjo da História

Para os chineses, o futuro fica atrás. É claro, você não pode ver. E o passado, logo à sua frente. Como se estivéssemos indo em direção a ele? Não, como... se estivéssemos caindo. Em queda livre. De costas. Tudo o que eu vejo, agora, se embaça. Esta é a hora da manhã em que os anjos se esfumaçam, seus corpos se dispersam na vontade de Deus. Não morrem, não estavam vivos, e renascerão no crepúsculo seguinte sem memória, mas com a sabedoria completa. "Para os chineses", algum começa, e retoma o que foi dito sem saber que já foi dito, e sem saber que de manhã também ele sumirá. Falam do tempo como se ele fosse eterno. Gostam muito de conversar e convivem bem. Mal percebem quando Deus, aurora, boceja.

não esqueça
de deixar na saída
a comida do cachorro
a roupa recolhida
as chaves no vaso
do véu-de-noiva
luz do corredor acesa
porta fechada pra rua
vazia

esquina esquecida
cidade passada
o trabalho cumprido
a caminho do nada
pessoas queridas
não esqueça de deixar
na saída

A d e u s

era uma vez uma galinha
que tinha prisão de ventre
no seu ventre havia um ovo
o que se prende apodrece

tudo apodrece
mas o que está preso, diferente
ninguém conseguiria comer o ovo, pra sempre podre
nem comer a galinha, fedida e estragada

alguém disse
"amor guardado vira câncer"
mas não devemos atribuir juízo moral às doenças
e aquilo não era amor
era apenas um ovo
diz a galinha

*

há muito tempo não vejo animais
ontem matei uma formiga e vi uma pomba esmagada
quis fugir para a selva, mas tive medo de cobra
e fiquei por aqui mesmo
sem galinheiro, sem minhas vizinhas de infância
que criavam coelhos e pombas pro abate

*

hoje acordei me sentindo um ovo
prometido no cu de uma galinha inventada
há meses minha conta no banco míngua

e eu tentando escrever
algo que entretenha
e edifique
meus contemporâneos

leio as cartas íntimas de um escritor que gosto
penso "não devo mais escrever
na primeira pessoa"
o fim do capitalismo, a implosão do sol
uma vida eterna de paz e harmonia na presença de deus
me boto altos objetivos enquanto trabalho
dez horas por dia na esperança
de não atrasar outra vez
o aluguel

*

se nada mais der certo
meu amor minguar e a conta no banco implodir
se o trabalho faltar e tudo o mais não nascer
no caso extremo de o mundo nunca acabar
e a ruína for um destino pessoal que nada tenha a ver
com você
espero que estas palavras
presas a papéis e viagens
se não comidas pelos ratos
que comem tudo
ou perdidas pelos barcos
em tatuagens garrafas *pen drives*

servam de companhia, algum dia,
para quem também estiver preso, de mentirinha,
no cu escuro, apertado, sem saída
de uma galinha

Hai cães
(2017)

Os cachorros
piscam
deitados no chão

*

Rabo, pelos
ausência de agenda
o que me distancia
deles

*

Ter quatro patas
e não saber o que são
quatro patas

*

O estranho
no portão
recebido a latidos

*

O estranho recebido
com o rabo
e o focinho

*

O estranho
é amigo
ou coceira

*

Minha boca
é minha
única arma

*

O uivo
comunica
o uivo

*

Palavra
gutural
e única

*

Quando o cachorro
ama
o rabo balança

*

Não existe objetivo
que permaneça
frente à coceira

*

Um dono
que te ame
e sacrifique

*

Um dono
que te eduque
e te abandone

*

Um dono
que te bata
e te alimente

*

Um dono
que não
te entenda

*

Confunde
amor
com comida

*

Amor e comida:
mesmo remédio
anticoceira

*

Não:
a coceira
é soberana

*

Comer,
comer,
comer,

*

Cagar
a céu
aberto

*

O cão
lambe
o cu

*

O cão
cheira
o cu do Outro

*

O cão
se concentra
no pênis

*

É impossível castrar
o
desej
o

*

Existir:
vago nome
mutável

*

Viver:
tempo
incontável

*

Sonho:
um ganido
que acaba

*

Deitados
no chão
os cachorros

Poemas pra crianças
(2013)

O pato bonito	115
A boca abandonada	117
Depois que a gente morre	118
O pintinho medroso	120
O menino da véspera	124

O pato bonito

no fundo do mato
do bosque esquisito
um ovo guardava
o pato bonito

a cobra que tinha
o estômago aflito
queria o ovo
igual pirulito

pulando pulando
com um faniquito
quase pisava
no ovo o cabrito

quem dera quem dera
pensa o periquito
chocar esse ovo
chupando um palmito

mas quando nascesse
o pato bonito
"que feio", pensava,
"não é um periquito!"

assustado voava
assustando o cabrito
e a cobra, num susto,
engolia o palmito

sobrava chocado
no bosque esquisito
o pato, coitado,
sozinho, acredito

mas sobrava contente
de não ser ovo frito
e de agora poder
contemplar o infinito

"o infinito é bonito
no bosque esquisito"
é o que disse, num grito,
o pato bonito

A b o c a a b a n d o n a d a

Os dentes saíram passear
deixaram uma boca aberta, com fome
ela ia mastigar e AI machucava a gengiva
eram trinta e dois os dentes que tinha a boca humana
aquela que ficou banguela
banguela e aberta, né, eu já disse que ela ficou aberta
alguém passou e falou "fecha essa boca! senão entra mosquito!"
mas a boca continuou aberta mesmo assim
ela tinha muita esperança que os dentes voltassem
e olhava para o horizonte, triste e esperançosa, com seus
/ olhos de boca
até que um dia UM DIA, até que SIM vinham eles!!!
tão rápidos, tão livres, todos os seus dentes!!!
e entraram na boca de uma só vez
acomodaram-se nos seus buraquinhos, mas... ops
as asinhas batendo na língua, um zumbido saliva infinito
... não eram os dentes..
ERAM MOSQUITOS!

Depois que a gente morre

o que acontece
depois que a gente morre?

o corpo apodrece
e a terra engole?

a alma esquece
e nasce de novo
ou lembra pra sempre
em forma de ovo?

o espírito fica
dentro de casa
ou vai para o céu
voando com asas?

será que a gente
vive pra sempre?
será que tudo
termina em escuro?

ou será que de noite
quando tudo se apaga
a gente vira estrela
da via láctea?

será que explode?
será que evapora?
será que implode?
será que demora?

o que acontece
depois que a gente morre?

e enquanto a gente
procura resposta,
a vida
a vida
a vida...

– A vida brota.

O pintinho medroso

Era uma vez um pintinho

que tinha muito medo.

Todo mundo diz que amarelo é a cor do medo

os pintinhos são amarelos, mas costumam ser muito corajosos

(o que prova que a cor das penas não tem nada a ver).

Menos aquele. Que era medroso.

Tão medroso, mas tão medroso, que nem amarelo ainda ele era.

Isso porque o pintinho não saía do ovo.

Do lado de fora da casca, ele escutava uma voz muito brava que dizia

– SAIA JÁ DESSE OVO, SEU MEDROSÃO!

Era a voz da mãe galinha, que não aguentava mais tanta chocadoira!

"Eu quero sair por aí, ciscar, botar os meus outros filhos pintinhos debaixo da asa, mas esse aí dentro do ovo fica embaçando" – é o que dizia a mãe galinha, se ela falasse a língua da gente.

A mãe galinha estava muito injuriada.

Um dia, as outras galinhas do quintal foram até a mãe galinha e disseram assim pra ela:

"Você não pode ficar gritando e xingando o pintinho do ovo. Assim é que ele não sai mesmo! Chama com carinho que ele vem."

A mãe galinha achou uma ótima ideia e chamou:

"Vem, meu bebezinho, meu chuchuzinho, meu pintinho. Vem pra fora conhecer a mamãe..."

Mas o ovo continuava sem pinto. O pintinho estava tão escondido lá dentro, tão quietinho de medo, que as galinhas todas começaram a se perguntar: será que tem mesmo um pintinho aí dentro?

Mas tinha, sim. Um pintinho que, ao contrário do que todos esperavam dele, ficava cada vez mais e mais medroso.

Do que tinha medo o pintinho?

Se ele soubesse o mundo que existe aqui fora, aí é que não saía mesmo do ovo!

Aliás, eu, que sei o futuro, também sei que, se aquele pintinho tivesse saído do ovo no dia que era pra ele ter saído, duas semanas depois ele ia estar correndo feliz no quintal quando UM GAVIÃO ia descer sobre ele, pegá-lo nas garras, levar para o céu e comer ele inteirinho.

Ia voar sangue e carninha pra tudo quanto é lado. E não ia existir mais pintinho.

Pois é. Viver é muito perigoso.

Mas como é que a gente sabe se um gavião vai descer e comer a gente? A gente não sabe. Nem eu sei. Isso aí de cima eu inventei tudinho.

Ninguém sabe de nada.

Do mesmo jeito que o pintinho. Que não sabia o que ia acontecer, que nem sabia que existia no mundo um bicho chamado gavião que comia outros bichos chamados pintinhos. O pintinho desconhecia o perigo. Mas tinha muito medo, mesmo assim. Por quê? Sei lá. Tô cansando desta história.

Então vou resumir: um dia, vendo que do ovo não saía pinto, a Dona Florinda foi lá, pegou o ovo e levou pra cozinha, pra comer estrelado.

A mãe galinha ficou tão triste, mas tão triste, mas tão triste que ela quis até morrer. Depois ela morreria, nas panelas da Dona Florinda. Mas antes disso, não. E ela viveria triste pelo resto de sua curta vida de galinha.

A Dona Florinda era minha vizinha, uma senhora muito simpática e sorridente e eu gostava muito dela. Eu estava naquela cozinha e vi tudo.

Quando a Dona Florinda foi quebrar o ovo na frigideira, o pintinho não teve mais jeito de ficar escondido. Ele até tentou se segurar na casca do ovo, mas não houve jeito e TCHA, caiu de bunda no óleo quente.

PIU!!!

Foi o grito que o pintinho deu. E pulou tão alto, mas tão alto, que deu um cambote, quicou no batente da janela e caiu no meio da rua, de bumbum quente e asas livres.

Livres, sim! A Dona Florinda e eu ficamos olhando embasbacadas o pintinho sair piando pela rua, com a bunda vermelhinha de queimadura. A gente lá, com uma vontade de ovo estrelado! E o pintinho lá, finalmente nascido, vendo o mundo pela primeira vez.

O menino da véspera

Véspera é o dia antes de uma coisa importante.

Parece vespa, vespeiro. Mas a véspera não pica a gente. É justamente o contrário.

O menino ficava olhando para o vespeiro, com medo de ser picado.

Isso, por exemplo, é uma véspera.

"Mas que menino?", você pergunta.

O menino não tem nome. Ele só ia ter um nome no dia seguinte.

No dia seguinte ele também teria brinquedos bonitos e muitas amigas e amigos no parque.

Por enquanto, o menino ainda está na véspera.

Que é um lugar vazio, onde não faz calor nem frio, e pintado com uma só cor, um verde meio musgo, apagado, mais pro cinza.

E não tem nada pra fazer.

E não tem nada nada nada.

Só o menino.

E o vespeiro.

...

...

...

Esta história está chata porque a véspera é assim mesmo: chatonilda. Pode bocejar aí, sem problema. Eu mesmo já bocejei umas três vezes aqui.

O menino não boceja porque morre de medo que uma vespa entre na boca dele!!!

As vespas são animais muito perigosos. Porque elas se defendem atacando. E têm um ferrão afiado no bumbum, que entra na nossa pele e dói pra dedéu! Então o menino tem razão pra ter medo.

Mas ele também tem razão pra não ter medo, porque sabe que, se não mexer com as vespas, elas não mexem com ele e fica tudo certo.

Olha, aí vem uma! Ufa, passou...

A véspera também pode ser um trem. Se você nunca andou de trem, eu conto como é: tem vários vagões e a gente entra em um deles. Aí o trem começa a andar, geralmente não muito rápido. Logo logo ele para numa estação. Entra gente, sai gente, e você, enquanto não chega na estação que vai descer, fica quietinho esperando.

Esperando...

Esperando...

Mas, espera: algo está acontecendo... (Acho que a gente já esperou demais.) A véspera, aos poucos, começa a mudar de cor!

Tons de rosa, vermelhão, amarelo dourado começam a entrar no verde. E há cinza chumbo, azul-cobalto, cores com nomes bonitos e complicados: fúcsia, púrpura, bordô! Até laranjas caem do pé.

Do vespeiro, as vespas saem com asas coloridas, bem dançantes. São borboletas!

O menino está tão feliz que até abre a boca pra sorrir. E... e... cadê o menino?!

Foi coberto pelas cores. Depois da véspera, é isso que acontece: a gente vira cor do colorido. Agora chegou a minha vez: de virar cor também.

Tchau.

Língua no períneo (2016)

Pra Alciana Paulino, Eliane Robert Moraes e Luiz Pimentel

*Pérolas níveas do mais alto preço,
... deslumbrantes carnes escondidas*

– *Olavo Bilac, Satânia*

*Dizem que aos sodomitas lá no Averno
Põem os diabos sobre um alto trono,
Com um caralho no cu de fogo eterno*

– *Antônio Lobo de Carvalho, Soneto CLXXVIII*

*Agora, pare:
pegue no bumbum.
Agora, desce:
pegue no compasso.*

– *É o Tchan!, Pega no bumbum*

Quase de carne	131
Propaganda do sexo gordo	132
Hétero <i>pero no mucho</i>	133
Rondó dedado	135
Elogio ao mole	136
Gestação	137
[Engulo]	139
São Sebastião, o de dardos adornado	140
Hóspede	141
[Percorro o seu corpo como]	142
[Em país bloqueado e deposto me amparo]	143
“Construir fortalezas servia aos príncipes mais tementes do seu próprio povo que dos estrangeiros”	144
<i>El Cu</i>	146
<i>Hai cus</i>	147
Trovinhas malditinhas	149
[Foder até que é gostoso]	152

Quase de carne

O teu corpo inteiro
cabe na minha
mão que enrola
a rola

E teu corpo inteiro
torna-se a minha
mão e rola
e voa

Se teu corpo inteiro
aéreo invade
o espaço
dessa mão-boba

Então teu corpo inteiro
é quase de carne
mas livre
dessa gaiola

No teu corpo inteiro
o vazio da matéria
não está
à toa

O teu corpo inteiro
é carne e ideia
fundidas
numa boa

Propaganda do sexo gordo

o corpo gordo produz
a mesma manteiga que o magro

só que aqui tem espaço
pra quem quiser espalhá-la

mais dobras onde se pode
deixar guloseimas guardadas

quem fode um corpo gordo
não sai passando vontade

sacia todas as fomes
até aquelas mais magras

Hétero *pero no mucho*

1

que duro
é o teu pinto duro
quando se cura
dessa segura

2

no meio
da mãe dos teus filhos
aquele cheiro
de macho sabido

se chega bem perto
é quase possível
ouvir o gemido
do macho desperto

aí a tua língua
mergulha nela
nadando no nó
entre macho e donzela

3

cangote
um convescote

os pelos confundem
mais que os da bunda

pessoa é pessoa
doa a quem doa

pode entrar
ninguém vai notar

4

macho
discreto
fora do meio

deseja no meio
ereto
facho

acho
incerto
tanto receio

venha a que veio
direto
embaixo

R o n d ó d e d a d o

querido, se por acaso
você tem um alaúde
e por isso os dedos hábeis
mais que todo transeunte
que um dia me dedou
devagar ou mesmo rude
pode vir pro meu local
vem depressa, não me ilude
não me importa a sua cara
tanto faz, não me confunde
peso altura ou piroca
nem precisa mandar *nude*

E l o g i o a o m o l e

o duro pulso do acaso vai dando lugar
pro músculo mole e macio – nem por isso

não quero querê-lo – pelo contrário –
encontro o que quero no sono entre as pernas

almofada – mucosa – convite de pérolas –
fluindo da flor – fechada – em caralho

– aberta – ela treme – em chão movediço –
e em contato – comigo – poliniza – o lugar

G e s t a ç ã o

reto
receptivo
intestino

imagine
se a porra viajasse
por todas as tripas

atravessasse as feridas
da mucosa exposta
no triunfo

entre vielas e becos
se arrastasse
pela parte delgada

a que possui
mais neurônios
depois do cérebro

sem ser percebida
por fígado e pâncreas
chegasse no estômago

e ali gestasse
em alimento ácido
um novo tamanho

diminuído
pra passar enfim
pelo esôfago

e alcançar
o sino
a tempo

de florir
a garganta e os dentes
e a língua em sons

matinais
espuma branca
de Urano no mar

de saliva
da boca
saísse

imagine
nascida em palavras, canção
tua gala

Engulo
o sêmen composto
na próstata de líquidos
vários

de pus e de esperma
e restos de urina
o que amo se forma
do lixo do corpo

atravessa a memória
e dutos de baixo
do avesso da boca

o afeto produto
é nojo e é gozo
e engulo

S ã o S e b a s t i ã o , o d e d a r d o s a d o r n a d o

sã
sebas
tião o
de dar
dos ador
nado tenta
ção dos ou
tros são sol
dado es
buracado

dai
ao ser
vo à tu
a espe
ra es
sa fle
cha de
cu
idado
faz
me são
sebastião
o de
dardos
adornado

H ó s p e d e

que
apertada
e folgada
calada
na lava
da lábia
e molhada
só sim
sem não
aberta
colada
na calefação
da parede
macia
que espasma
essa boca
te sirva
de casa

Percorro o seu corpo como
pensei percorrer o mundo

como um barco navega águas
ancoradas no profundo

naufrega como uma pedra
pois isso é o que ele era

Percorro o seu corpo como
pensei percorrer o mundo

um *cóndor* visto de baixo
não parece comer cadáver

sem rugas nem cheiro longe
é asas, palavra ave

ninguém olha os piolhos
que povoam o seu corpo

assim hoje eu te percorro:
como piolhos sobre um *cóndor*

Em país bloqueado e deposto me amparo
na tua virilha livre nos teus passos
nos meus ombros na república da tua íris
sem polícia me olhando e descanso
da desgraça do desgosto.

Tudo é estéril
menos o teu rosto.

E os líquidos que escorrem
dos bueiros explodem uma língua
gulosa teu escroto desaba
nas granadas nas beatas *tsunami*
de saliva sobrevive e desata:

um novelo de caminhos,
uma nuvem de ameaças

“Construir fortalezas servia aos
príncipes mais tementes do seu próprio
povo que dos estrangeiros”

1

teria a língua no períneo
caso o transe do amor
sobrepusasse a mímica do fino
escrutínio do amor

2

eu te povoo embaixo da barba
down the road
ao fim da estrada um sol latente
on the movies

3

o sábado em copacabana
não me engana, não me engana

carece de tom e cadência
paciência, paciência

4

falta saliva pra tanta pele
falta carne pra tanto gosto
falta colo pra tanto berne
falta sêmen pra tanto osso

5

desta vez, é como se tudo
fosse pessoal

o que há um tempo seria só
uma dor muscular

e uns indícios de látex
deixados na lombar

E I C U

pra Angélica Freitas

el cu es un sol negro
araña del deseo

el fin de la cadena
vacío que se rellena

nido de cupín en mogno
pasión del proctólogo

en él se dá y se recibe
en el Plata o en el Capibaribe

y después de mucho *ié-ié-ié*
el cu tiene HPV

H a i c u s

pro Gustavo Vinagre

Vazio:
um grito
enche

*

Rugas
pré-
-rugas

*

Entre montes mora
inabitada caverna
– e se abrem as pernas

*

A concha que assombra
num susto dá à luz preciosa
pérola de sombra

*

Avesso da boca.
Destino dependente de vetores.
Boca do avesso.

*

Peludo e obscuro
o homem se entrega
num sonho que é cego

*

Queremos
o oco
inteiro

Trovinhas malditinhas

Silas pensa o tempo todo
na salvação de Jesus
e se fica bem nervoso
usa o consolo da cruz.

Quando mete o cabo todo
a paz interna lhe induz.
Silas, tu és tão nervoso...
deverias ter dois cus!

*

Marco, teu nome é infeliz
pois feliz diz que tu és.
O que teu nome não diz:
metes as mãos pelos pés.

E de assim ser mal metido,
Marco, mal ficas marcado.
Logo serás esquecido
e feliz, só no passado.

*

Ana na televisão
a se fazer de santinha
prometendo a salvação
a quem lhe dê uma graninha.

Sem dúvida, Ana, és cobra
boba pensando-se arguta.

Santa será tua obra
quando assumires-te puta.

*

Marcelo é homem de pesca
mas não sabe usar a vara:
mal a minhoca refresca
ela cai e o desampara.

Marcelo, na tua ganância
vais encontrar quem se queixe!
De pescar homens tens ânsia...
vais ficar sem o teu peixe!

*

Edir, teu nome é piada
pronta na boca das bichas.
Nem precisa ser contada,
mas vou te dar umas dicas:

na parte de que és sinónimo
dizes que não introduzes.
Quem diria, Edir, és homónimo,
sem querer, dos nossos... Cruzes!

*

"Jair jamais saberá
que gostoso é dar o cu"

– é o que dizem por aí
pra insultar esse urubu.

Inocentes, tais insultos
é que jamais saberão:
Jair nega pela frente,
mas nas costas é um pavão!

*

Eduardo, meu amigo,
teus dias estão contados:
vais ter que buscar abrigo
no esgoto de outro reinado.

Tua esposa e tua filha
vão te largar, Eduardo,
e contar pra todo mundo
que dás o cu e és viado.

Vai ser uma maravilha
te ver enfim derrotado
sem poder fugir do imundo
com que és um só, Eduardo.

Mas imundo é até insulto
à sujeira do nosso agrado.
Eduardo, não és só puto,
antes fosses só safado...

Foder até que é gostoso
Ser fodido é um deleite
Mas as fodas que aqui encontro
Fodem diferentemente

No Brasil, a Pátria Amada
Não há foda comedida
Então canta, meninada:
Ó Brasil, Pátria Fodida

Fodem grandes e pequenos
Fodem até medianos
Mas quem fode mais que todos
Fode há muitos, muitos anos

E de tanto ser fodida
Vai ficando acostumada
A plateia que suspira:
Ó Brasil, Pátria Arrombada

Relento (2018)

*manchas de esperma, ténis esburacados, calças sujíssimas,
blusão cheio de autocolantes, peúgas encortiçadas pelo suor
as cuecas rotas, sujas de merda*

e tuas mãos, recordo-me

– Al Berto, Truque do meu amigo da rua

*Não sabes onde termina
a aurora da tua presença*

– Hilda Hilst, Presságio

Pulse	157
Trajetto	160
Mãe	165
Cosmos	167

P u l s e

Você tem pele
órgãos internos
como todos os homens do mundo

dois olhos perfuram a câmera do espelho
na *selfie* do celular agora sai
resolvido, resignado, arma em punho

como todos os homens do mundo
vão morrer

são todos
e os outros

iguais a você

*

Medo transformado em passos

centenas de milhares de anos de caça

teus semelhantes te cercam
sorrindo é um sábado
à noite
a noite
é uma teia

de pontas soltas

Você de calça, documentos, entre todos
os homens do mundo à sua volta
prepara o momento do ataque
preso a esta noite como uma mosca
grudada na História
que voa

*

Como uma mosca, mariposa ou aranha
que não se sabe aranha

há duzentos
e cinquenta mil anos
nosso córtex num susto
se disse: sou o córtex
ossos primatas em volta se atracam
houve amor e houve guerra
no primeiro dia e em todos os outros
que vieram

*

Se te encontrasse em quarto escuro
com o medo transformado
arritmia cardíaca a nossa pele
bêbada, anônima
quem sabe eu saberia
o seu suor de afeto
e expectativa

transformado em entrega
como o de todos os homens do mundo quando se entregam
quem sabe se eu sorvesse dos teus meios
esse amargo é mais doce do que parece
no sangue ensurdescesse
a batida da balada

*

Não somos, mas somos
você, eu, como um
e outro, luz intermitente do *strobo*
entre os olhos os tiros de metralhadora

passos, dança, corpos
caem, estilhaços de tempo
com vontade, por acaso
fios viscosos se cruzam
teus órgãos internos não dançam
te abraço, tenho todos
os braços
que se movem e se agarram
que te soltam e te pedem
que me entregam e que pulsam
e somem
e pulsam

Traje to

10 de outubro de 2017

vi uma borboleta grande e alaranjada voando perdida embaixo de um viaduto, sendo arrastada pelo vento que os ônibus faziam, e não tinha nenhum sinal de flor por perto. pensei: de onde ela veio? pra onde ela pode ir?

a borboleta é a gente
o viaduto é o mundo
a flor é o futuro

a borboleta é o futuro
o viaduto é a gente
a flor é o mundo

a borboleta é o mundo
o viaduto é o futuro
a flor é a gente

23 de outubro de 2017

estou preso na realidade e procuro um vários jeitos de escapar, porque a realidade tem portas e janelas, buracos bueiros paredes ocas cheias de segredos. A comunhão com os cachorros é um jeito fácil de não estar preso. Eles dormem nos portais. Alguns mordem quem tenta passar. Outros te recebem com lambidas e abano de rabo e te seguem pra dentro, na esperança de comida e carinho. (Nada mais importa.)

Também tem uns momentos em que eu me sinto arrebatado da

coisa banal e áspera que é a realidade. Então eu vejo, à distância, que ela não é, talvez, tão maligna, do mesmo jeito que à distância a Terra é uma bola azul e macia. Por isso é preciso investir nas viagens espaciais, por isso é preciso não calar esses momentos de silêncio. Pode ser que tudo se resuma a esta charada:

Por que o cachorro atravessou a rua?
Para chegar do outro lado.

1 de novembro de 2017

o caos conhece
as trilhas os trechos da estrada
que arrasta
rodas de boi pesadas
o caos conhece
e aguarda

2 de novembro de 2017

depois de um tempo os gostos são sempre os mesmos, o sabor de fungo na virilha não espanta mastigar a micose o esmegma, depois de um tempo tudo se repete.

dormir dentro de mim como a mãe que você teve: incompleta, imperfeita, só uma parte sua cabe o seu resto ao relento do quarto, você amolece e escapa de repente no meio da noite, e eu te

sustento, peso e afeto, às minhas costas.

10 de novembro de 2017

queria ser simples
como tudo que não sou eu
o pão, o melão, o macarrão

na sua própria tigela
a vida
me apronta

e me digere
mal
posso esperar

movimento de moléculas minúsculas
desejos urgentes e necessidades tontas
tantas

fico parado, sentado na cadeira
pasma
feito uma cebola na fruteira

26 de novembro de 2017

todas as horas do fim: é isto? a intensidade capenga de cada
momento. o fim prolongado em dias e dias de doce como a
única refeição, até dar dor de cabeça, e mortadela e bacon,

e o aquecimento do planeta à sombra dos exércitos, deus
acompanhando cada passo como aquele urubu aquela vez que eu
me perdi num descampado. o fim requeenta a janta. o fim é uma
fôrma de bolo que gruda. deus é um abismo e eu também sou,
e você também é e o país, e o fim é o céu que contorna a nossa
beirada e que ultrapassa e se estende muito além de qualquer
cânion, e se perde se você some – para dentro – de um começo.

27 de novembro de 2017

um homem disse constrangido que o meu foi o melhor boquete
que ele recebeu na vida, talvez seja essa a minha grande
contribuição pra humanidade, homens de meia-idade relaxados
satisfeitos por gozar como nunca mais

a rola rosa
grossa
diminuindo na boca

mais que livros teses
amor paterno filial
mais que meia dúzia de trabalhos mal pagos
e milhares de amigos
que vão morrer
um dia

27 de dezembro de 2017

o Brasil é um pesadelo do qual se acorda e dá-se ao mundo sem

fronteiras, outro pesadelo do qual acordo e estou na minha cama a levantar e dar de cara com o mundo: brasileiro, que vigília desastrada meu deus! Mas não tem como fugir do tempo, e o corpo é apenas um. Vou parar de ler o noticiário e bloquear todas as *timelines*, vou fazer *orkuticídio* e vocês nunca mais vão me encontrar. O professor da escola dominical dizia que se esconder de Deus é como se esconder embaixo de uma mesa de vidro. Preciso encontrar uma alternativa. Assim não dá mais.

30 de dezembro de 2017

Ser é chato.

Você não acha?

Mãe

A sugestão foi acatada e se fez: agora ninguém mais tem mãe ~ os corpos só coexistem já formados. Porque mãe é dor, você dizia, pra todo mundo que está envolvido. As bolsas cangurus, escorpiãs carregando a prole aos milhares nas costas, e os cavalos-marinhos cuspidos uma infinidade de pequenos híbridos, boa parte vai servir de comida a peixes e crustáceos. Ninhada de gatos, girafinhas caindo lá do alto na secura do mundo. A partir de hoje mais ninguém tem útero – e que esteja bem assim.

*

Chego todo sábado e todo sábado dá-se o mesmo: porta aberta, abraço. As mãos ossudas no rosto. Olhos que desviam com vergonha, isso de mães e filhxs é um repeteço infindo da nudez primária, aquela: Adão e Eva se enxergando com horror, cumplicidade vergonhosa, bronca trovão de Deus e a espada do anjo flamejante ameaçando quem quisesse descansar. Comida na mesa, assuntos amenos, ofertas e recusas sempre as mesmas, dinheiro, louça suja, te vejo no sábado que vem? (Que vem, que vem.) Abraço, amor e dor, porta fechada, os passos que se afastam, promessa de morte e origem. Os dois suspiram: ufa.

*

Mas todo mundo tem corpo, isso não tem como negar. Pode ser filhx de chocadeira, só não pode ser a própria chocadeira, *sorry*, é o que tem pra hoje. Todas as pessoas esta história: expulsas de um útero informe ao mundo de arrepios cruéis. Ai-de-nós. Cada pessoa tem que se tornar a mãe de si mesma. E se ninar e se expulsar continuamente. Colo, doença, culpa.

Ai.
De.
Nós.

*

Do fundo estúpido do planeta surge um ser de pedra que atravessa matas oceanos desertos e assusta as pessoas nas cidades. Coração e artérias de lava, invencibilidade nada o derrota: helicópteros com mísseis, rolos compressores danificados, toda a balística. A pedra anda anda. Uma hora as pessoas dizem: bem, se não pode vencê-lo... E nuns lugares o ignoram, noutros celebram cultos, noutros ainda só o usam pra marcar o tempo. Tal coisa aconteceu da última vez que a pedra esteve aqui. Tal outra nunca tinha visto ela passar. A mulher olha pela janela do apartamento e lá embaixo vê a rocha bípede fazendo o seu estrago de sempre: topadas em carros buracos no asfalto um hidrante atropelado. O município deu de ombros: logo passa e se conserta. Tudo, de um jeito ou de outro, se conserta. Ela põe a mão sobre a barriga e imagina o futuro ~ pela primeira vez, esta semana, com alívio. Tudo no caminho vai acabar se quebrando.

Dorme, queridx. Logo passa. E se conserta.

C o s m o s

Os horizontes
e as palavras
você não cansa das palavras?
achatadas nos horizontes
e dizer
ou mesmo ver
ao longe
que nada se anuncia
ou os anúncios
não se cumprem
ou se se cumprem
depois voltam
as palavras
e os horizontes

são
um jogo
uma mania
um negócio
de não deixar cair

*

Cai o dia
cai a noite
caída a quatro patas
a trocentas
desde o princípio dos tempos
essa dança
se lança
para frente

para os lados
para trás
é mais gostoso

dar
o gozo
a cada encontro
um troço de esperança te sopra
novas letras formam
um partido
um sibilo
um espetáculo de circo
é tão gostoso
viver com a morte no pescoço
prometendo
e não cumprindo

por enquanto

sente o drama:

*

No princípio já era tudo o que veio depois, e o tédio de Deus pairava sobre as águas.

Disse Deus: façamos as bichas. E as bichas foram feitas. Aids e *glitter* no primeiro dia, e era bom.

Façamos o coração quebrado das mães e o peito oco dos pais.
Freud brota a contragosto e todos comemoram. Suor e secura

foram todos os dias, e Deus observou de escanteio.

Façamos a desigualdade social e todos os animais do campo e da floresta. Lindas plumas arrancadas enquanto as aves ainda estavam vivas. E dinossauros plumados que nunca um olho humano tocasse. Façamos o mistério do passado e do futuro. Faça-se o tempo com as sobras do espaço. E assim se fez.

E a primeira bicha fez a primeira diva *pop*. Alfices cresceram enfileiradas em vistas aéreas de helicóptero. A bomba de gás lacrimogêneo caiu e Deus viu que era boa. Confusão, fronteira e fuga Deus os fez, e pensou: que difícil.

A vida então era sem forma e vazia e também muito difícil. O Oriente Médio era um lugar longe e constante e nada de novo havia sob o Sol, e o Sol era distante e instável e Deus já não podia ser visto em lugar nenhum.

E Ele disse: Eis que faço animaizinhos e plantas que se extinguem, e tudo tem uma função. E a sua é perguntar-se: Qual a minha?

Os dias se arrastavam como a cobra do paraíso, e eram longos e finitos como ela, e também tentavam as mulheres e os homens como ela, e Deus disse: Maldita, serás pisada e armazenada em tanques, e de todo veneno se fará um antídoto, e ainda assim a morte a morte a morte. O eco de Deus ressoa nas planícies.

São planas as planícies? E eis que a bicha anda acorrentada e apedrejada e crucificada e arrombada e gosta muito. E eis que a bicha formula políticas públicas e pede que subam até seu

apartamento e entrem e destrocem sua bunda com o Caralho
Cravejado do Senhor.

Porque Deus mora nos detalhes. E todo pênis é uma miniatura.
Como mínimo sou perto da grandeza do universo.

Está aqui, neste buraquinho que não abre, o Caminho, e o
Cosmos, e a Verdade.

*

Você só pensa naquilo
No que mais eu vou pensar?
Sei lá, em tanta coisa
Aquilo é tudo que há
Pensa bem: e se a gente fosse pra praia e
Aquilo, aquilo, aquilo,
e tomasse uma cerveja bem gelada e esquecesse todos os nossos
problemas, a falta de dinheiro
aquilo
pegasse bicho geográfico e esquecesse dos bichos na cabeça
aquilo é um manto fúcsia tingido de preto
trocasse de nome e fugisse pra Suíça
um fogo dourado que solta assovios
roesse as unhas dos pés com nossos dentes quebradiços
aquilo é uma fenda no indizível
pensa que bom seria
um filme de faroeste acontecendo no peito
se a gente só tentasse
um tipo de polca
dançar

aquilo é um desastre contínuo
no nosso próprio ritmo
aquilo, aquilo, aquilo

*

Deus está a 3 quilômetros de distância
é perto. Pra essa cidade é perto
Ele curte oral e pegação sem compromisso
Deus é macho, imagina! Se Ele estivesse aqui você ia ver só. Todo
mundo em volta d'O Caralho
Deus diz que é discreto e fora do meio
ih, tanta gente fala isso...
chamo Ele?
tenta

*

A casa tem chaves e fechaduras. Nenhuma encaixa. Dê dois
passos pra trás, você vê: o quarto, quatro cantos. Dê mais cinco
e a janela, visão da rua, retroceda mais e mais, o oceano, Júpiter,
Plutão, o espaço-tempo curvado contra si mesmo. Tudo que é tenso
é relaxado, o tranquilo se tensiona. Volte volte volte. Você ainda
não acha a chave.

– Já vai!

Ele chegou. Grita que espere, pede desculpas, aqui. Cumprimenta
com um beijo na bochecha, ou melhor um aperto de mão?, se
decida. Você quer uma água? Alguma coisa?

O que eu quero não tem nome.

Coberta jogada sobre a bagunça, na meia-luz a poeira some – poeira cósmica – a gente é feito de pó de estrelas, a língua amansa a penugem rude, o cu se abre e se fecha como se tudo isto existisse e fosse impossível escapar, olha que óbvio, do buraco negro. Meninos nadam numa piscina cheia de sêmen de dinossauro e engravidam de um bicho limpo e viscoso, faz horas que a sua língua nos prepara, eu meto

O ato do sexo é bruto e ao mesmo tempo etéreo. Nisso também ele parece o universo. Este, ao menos. Com o espaço-tempo e os nossos corpos dobrando-se – contra eles mesmos.

Roça, treme, fede, dorme. Cientistas estudarão até o fim dos tempos os complexos mecanismos do sono. É tão nobre assunto que o adjetivo até vem antes. E no entanto você caga. *Replay*.

*

Mas que coisa, você só pensa nisso mesmo
Nisso, naquilo
Uma parede de borboletas carnívoras
Como você acha que é a fronteira do universo?
Um abismo e, lá embaixo, monstros marinhos
Dildos formando um recife de estalagmites
De que cor são os dildos?
Alemanha, Noruega, Uruguai
Da cor dos meus olhos quando acordo?
Suécia, Dinamarca, Shangri-lá
Da cor dos seus pentelhos quando caírem de velhos?

O fim do universo é um continente de plástico
É uma dor lancinante e contínua
Já disseram isso
O quê?
"Dor lancinante"
Então deve ser verdade
Já disseram que Deus tem olhos verdes como ideias furiosas
Depois do fim de tudo, com sorte, não tem mais nada
Já disseram tudo
Só o passado acenando sem volta
Principalmente isso
E aquilo

*

Go away, you piece of shit. And take this stupid dog with you. O homem cambaleia bêbado e barbudo com o cãozinho atrás ainda ganindo do pontapé. São seis horas da manhã. O gerente abre a porta do Seven Eleven e o meu amigo Aldo está lá dentro recolhendo os baldes e os esfregões *have you finished mopping the floor? Oh, yes, yes, sir.* O piece of shit. Aldo recolhe suas coisinhas na mochila azul-escuro da rede de ensino primário de um município sul-americano e parte pela cidade atrás do volante Aldo on the road as pontas dos dedos geladas os olhos arenosos de sono para no estacionamento do Walmart e liga a câmera para gravar seu vídeo-diário

Pensamentos avulsos

A vizinha chama ele de Although, ele acha graça, eles se beijam, ela faz um boquete nele em pleno sábado, Deus não existe,

time is money, gracias cariño, ele acha graça, gracias por quê?, a vizinha é velha e gorda e desdentada e fede a camadas de cigarro acumuladas em anos de falta de banho sobre a pele chicana e marcas da vida faça a lista das coisas que você acha desagradáveis num corpo erótico eu vou lixar minhas unhas vou ali no banheiro e já volto levanto ando mijo litros, o mijo vai enchendo a privada transborda o banheiro transborda a minha vida transborda de mijo, tomo banho pra fingir que eu não sou isto: um corpo que apodrece apressadamente, que solta gases, nossa nem chegamos nos gases!, terminou? volto e continuo: gracias porque usted es tan bueno para mí. Although guarda o pinto confuso na cueca e arruma o elástico ainda úmido, diz buenas noches mi amor e vai dormir, capota no sono e sonha, lógico

Todo mundo sonha. Toda noite. A diferença é que às vezes você lembra e às vezes não. Cientistas até o fim da ciência procurarão desvendar os fabulosos mistérios dos sonhos que se sonha e não se lembra ou que se lembra. Um dia um cientista dirá: e os sonhos que não se sonham?

Ora, esses, Estimado Colega, não existem, e a Ciência só se ocupa do que existe.

Na fronteira do universo uma fadinha morre a cada vez que uma coisa que não existe deixa definitivamente de existir, quer dizer, não existirá, quer dizer, aquela fadinha é a coisa que nunca chegará até nós. Um pato que sabe álgebra. Bom, isso agora existe. Uma lufada de vontades. Porra, isso agora existe também.

Vamos salvando.

Uma

fadinha

por vez.

Mas não salvaremos todas.

Tudo bem. É que nem naquela fábula.

Havia um grande incêndio na floresta. Era um incêndio criminoso porque agentes da Monsanto queriam plantar laranjas transgênicas para fazer cremes antirrugas para as esposas adolescentes dos cinco maiores bancos do mundo. Não importa. O coelhinho morreu asfocado. Vários coelhinhos. E o gambazinho e o tigrinho e o viadinho.

Oh, não o viadinho!

Sim, até o viadinho!

Todo mundo estava morrendinho.

E um passarinho quando viu aquilo falou

Oh

E foi até o lago e catou com seu biquinho uma gotinha de água

E veio e derramou a gotinha

NAS LABAREDAS IMPIEDOSAS DA MORTE

E voltou voando correndinho pro laguinho e etc. etc. etc..

Moral da história:

aproveite a sua vidinha

porque se depender do passarinho

você está fodidinho

a menos que você seja banqueiro
ou o dono da Monsanto

Ih, lá vem você de novo
Com o quê? Como assim?
Monotemático. Luta de classes, sexo, Deus
Mas gente, isso é um tritema!
Morte, paixão, humildade
É um sixtema!
Afeto, afetado, afoito
Todos os temas comungam
dentro de um único ponto
pálido e azulado
visto das fronteiras do Sistema Solar
por um robô que se distancia
e se perde das nossas vidas

Ele leva discos de ouro
em que estão inscritos mapas
sons e esquemas
sobre o nosso planeta

Que confiança você tem no universo, mandar assim pras galáxias
a chave de casa e esperar que os ladrões não a encontrem, ou
se encontrarem que digam nossa que povo simpático e venham
tomar com a gente um chazinho
Se forem espertos, eles não vão nem chegar perto. Desse planeta
pálido e monotemático,
amor, cura, sentido da vida
salário, câncer, receita de bolo
etc.

*

Alguém
crava os dentes no plástico
no *plotter* de sinalização da saída do metrô

a cidade é feita de derivados
da natureza transmutados
em coisa suja

nada
de terno
brota

do mergulho
no asfalto

*

Salvem-se! Salvem-se!
Os alienígenas não chegaram! Ninguém chegou!
É só a gente mesmo, galera!
Salvem-se!

*

Although, cariño

me fui yesterday de estas bandas. Please don't look for me. Sé que te parecia una vieja asquerosa y nasty, pero I was in fact a beautiful fairy from the outsides of your universe. Mi mamá

hadita always me dijo: no te vayas a aquellos malparidos humankind porque nada tienen de kind, pero yo didn't escuché her y quise come and sí con mis propios innocent eyes. Oh how I wish I listened to mi mamá. La gente de acá es muy mala y de verdad malparida hijueputa la reconcha de tu sister. But no tú, not you, my love, mi amor. Como es imposible el amor de una fairy con un handsome human como you, y since nada más is left for mi to do en este maldito lugar, I go, Although, me voy, a ver si mi mamá y las otras haditas still want mi con ellas. Te dejo todo mi amor, this love letter because only the fools have never written a loved letter, y mi sueldo del mês so you can drink, mi amor, drink y me olvides. Pero no me olvides mucho, porque si yo no exist, I shall die, adiós.

*

Excuse me, ma'am?

A mulher olha com nojo para o chicano por cima do ombro de pele de arminho.

Y-y-y-yes?

Do you see a little fairy passed by here? She looked like an old and nasty Mexican woman.

P-p-p-please don't rob me. Kill me, but don't rob me.

Pano rápido.

Although vagueia pelas ruas da cidade

Alguém já disse "pelas ruas da cidade"

Pelos campos, pelos Andes, pelos pântanos da inocência

O amor nos levará a lugares surpreendentes

A surpresa nos levará a lugares terríveis

O terror nos trará de volta

Dorme, meu bem, que o dia já passou.

*

Calma, fique em silêncio. Hoje é um dia que nem qualquer outro.

Naqueles dias, Deus olhará para a Terra e verá tudo apagado.
E verá que a Terra não é redonda e azul como se pensava, mas
geomórfica e tundra, tabaco, tonteria

Tordo, tomilho, tuaregue

Grande é o Senhor. E procurarão a morte e não a encontrarão.
Pois a morte ganhará para sempre no jogo de pega-esconde, pelos
séculos dos séculos, amém.

Descreva um hipopótamo. Pronto. Que improvável! O hipopótamo
prova que a probabilidade não está com nada. Mas é só ela que
nos resta?

Pelos séculos dos séculos.

Amém.

*

(Quando algo se esgarça é porque se aproxima o seu fim.)

*

O horizonte, vê! É lindo. Vamos lá?
Vamos!
(Anda anda anda) (Anda anda anda anda)
Puxa, como é longe!
É. Vamos correr!
(Corre corre corre) (Corre anda anda anda)
Nossa, assim a gente nunca vai chegar...
Senta aqui
Onde?
Aqui, no topo desse arranha-céu
Ah, pensei que a gente estivesse nos prados
A gente tá
Ah, tá
(Sentam)
É lindo, não é?
Sim, o horizonte é lindo, a gente já disse isso
Não, caralho, sentar. Sentar é lindo
Puxa, é verdade. Não tinha reparado
Deus se masturba sobre nós e derrama gotas aguadas de Graça a
cada esporro
O quê?
O quê?
Nada, uai, não falei nada
Gente, que doideira. Deve ter sido o vento
É lindo
O quê??? O vento? Sentar? A Porra Sagrada?
Não, caralho, o horizonte!
Ah

É mesmo.

Bicho extinto
(2020, antes da pandemia)

Nada de novo sob o sol.

– Eclesiastes

Farfalha no ar os adjetivos.

– Mário de Andrade

Morrerá estes versos.

– Fernando Pessoa

História do livro no século 21	185
Em busca da delicadeza	186
Cilada	187
[É a primeira vez na vida que tenho dinheiro]	188
[Tô mordiscando a sua orelha]	189
Vocação do vacilo	191
A foda é uma entrada no antropoceno	192
Anúnciação	194
[Os planetas se somam]	195
[Hoje é o dia da maior enxaqueca...]	196
[Contemplo o dragão ausente]	197
A cárie	198
[Daqui só vejo a morte]	199
Ensinando mamãe	200
Ensinando papai	201
[O céu sofre nada é você olha]	202
[A primeira bicha nasceu...]	203
[Poemas, como ácaros]	204
Vovó foi pro inferno e voltou pra contar	205
[Sou frágil]	208
Boêmia tchau	209
[Estou pescando a infância...]	210
[Se queimarem]	211
[Não me deram uns fones de ouvido]	212
Perdidos	214
[O branco]	215
Lavanda	218
[Competição de quem deixa mais xícaras]	220
Manual de leitura	221
[Sonhar com as coisas]	222
Antiditadura	223
Brasil acima de tudo, Deus acima de todos	226
Deus tem aids	228
Com fúria fúnebre	231
[Era uma vez uma barata que não acreditava em Deus...]	234
Passeio	236

História do livro no século 21

Contemplai ó contemporâneos
aqui vai uma página e logo outra
a gráfica rápida produz toneladas de lixo por segundo
vivemos no país da fome
e a glória imorredoura é indigna do comum das gentes.

Era uma vez
um nome único
um nome negligenciado biscoiteiro
o ego é a religião do novo século
o que interessa é poliédrico estilhaçado
adonai.

O futuro
um tesouro expirou
no sagrado coração de todo mundo
tracejamos planos de fuga
aqui e ali um cometa colide com a terra e levanta poeira
esperançosos os cientistas andam dizendo que a vida é infinita
e os gigantes dinossauros tiveram filhos
passarinhos.

Em busca da delicadeza

Eu acho que amanhã a gente podia aproveitar o horário do almoço pra reavaliar essa estratégia, você não acha? Os dois risquinhos azuis indicavam que agora era a vez dela: responder. Na televisão o próximo vídeo pula, Tears for Fears, e em volta se você visse era só tragédia.

Todo dia de manhã eu levanto, tomo banho, tomo remédio, ponho a roupa limpa e vou pra agência. Aqui em casa ninguém nunca vem: a faxineira antes vinha, mas fui espaçando dias semanas meses, nojo e vergonha de alguém tocar minhas coisas. As pilhas de isopor vão se acumulando. Hoje pedi *sushi*.

Um emoji sorri e pisca o olho. Um coração sai do beijo da sua boca. E na meia-luz azulada e trêmula do monitor uma barata emerge, se finca sobre duas patas traseiras, as da frente apoiadinhas na lata de coca-cola que sua no chão. É impressionante: ela bebe água. Eu nunca vi uma barata tão de perto e espero nunca mais ver. Os sapatos limpos ficam na sapateira do lado da porta, quer dizer, quase lá fora. Ela engole a ânsia de vômito e a carniça fresca e rosada do salmão. Saciada, a barata zanza um pouco e volta pra sombra.

Antes de começar o próximo vídeo da *playlist*, a propaganda traz uma mulher loira pra falar de investimentos. (Imagino a boquinha escura se refrescando.) Se você ainda não ganhou seu primeiro milhão, algo de errado está fazendo.

C i l a d a

No inexato habitam
as cracas do espírito.

Que bom, corpo,
em nódoas e metástases

cálculos catarros e merda endurecida
mas livre das porqueiras.

Depois de morto se dissolve
e Deus me manda pro Inferno.

Você não soube
Ele diz
o tempo todo

nada
se pode
contra

o Correto.

É a primeira vez na vida que tenho dinheiro.

Vou gastar tudo.

O orçamento da gráfica, todos os boletos.

Bem-vinda bonança, literatura de qualidade.

Este livro é a prova dos nove.

Reprovei na adolescência.

Tô mordiscando a sua orelha
menino feio
a aids veio e levou junto tudo que ainda
não tinha vindo, uma cadeira tosca
sustenta a nossa bunda alternadamente
você e eu e mais aquele que a gente ama
nenhum de nós se corresponde

agarro o lóbulo
arranho o braço fino e gordo do menino
braço flácido prenúncio da tosse
se tiver sorte você morre jovem
num palco
sendo aplaudido

se tiver sorte você desaparece
que nem um carimbo
frases fósseis contar sua história de menino
sozinho na janela da vida
na rua os carros passam
cavalinhos de carrossel
líquidos nunca lambidos
vão te tirar desse lugar
que é o mundo

se tivermos sorte
tudo isso dura mais que um mordisco
hoje eu sou homem casado
já tenho repertório
nem vibro mais com lóbulo

o que morreu
nesse caminho
deixou vestígios

já é tarde
tudo deixa
o cinema é que pode
criar de uma pedra
bicho extinto

tudo bem
a saliva já evaporou e você fica
nesse retrato aguado, ou será seco
esfumaçado na vontade de um encontro
cubro as crianças enquanto elas dormem
morrer todo mundo vai
meus dentes
por enquanto
beliscam o que você tem de macio de possível
de sabor e do menino

V o c a ç ã o d o v a c i l o

O ânimo
de fazer um tríptico
épico
de longínquas distâncias
cadê

o nome
no mármore
estátua atacada por moleques
queda
de braço da barbárie
bem

o nada
entrave das estrelas
reatores nucleares no infinito
matéria imprevisível
do tempo e do sonho e do
affe

cadê
o ânimo o nome o nada

na trave
dos trinta anos do ultraje
trabalhar um tríptico épico
que transforme tudo

em estátua
atacada
por moleques

A foda é uma entrada no antropoceno

Posso pensar átomos tocados pela língua
e rotações desta Rocha imaginária

em torno do próprio eixo, posso pensar
suas pernas abertas uma porta, entrar por elas
na casa exposta às tempestades do Tempo

nossos sonhos destelhando e nos deixam
sem o abrigo do látex e da potência

uma guerra entre vírus e Gulliver
amarrado entre tochas e tempero de churrasco

nós dois separados e entre nós outros átomos
por acaso não formaram essa língua que eu passo
nos dentes trincados na gengiva que sangra

Big Bang

Misterioso Acaso

Deus Criador

Começo Inalcançável

Múltiplos Fins

Imaginados

os físicos vos perscrutam nas frestas do conhecimento

e enchem minha cabeça de mitos
que remetem a mim mesmo

a língua áspera e as hemorroidas insistem cuidados médicos

a Morte sussurra à porta sem pressa testando as chaves

encontrar uma pista de pouso entre as cordilheiras fechadas do
Dia

suas pernas abertas
sem átomos
ou medo
ou movimentos planetários

eu rezo pra que feridas nunca nasçam na sua pele que tem cheiro
de gente viva

essa batalha
essa dança
só termina
na Saída

A n u n c i a ç ã o

Um demônio sem nome
lambe o meu sangue
obrigado

levanto o seu rabo
e dou-lhe um beijo
apaixonado

o corpo com febre
aproveita
o fogo capeta

ejacula enxofre
e recheia
a minha cuceta

Para Paulx Castello

Os planetas se somam
à minha tremura
sou voraz e passivo
sob a via escura

sou de rocha e de lava
que é rocha aquecida
esquecida do sólido
consome-se líquida

na tona que é fundo
de um poço de vento
igual redemunho: atado
ao movimento

Hoje é o dia da maior enxaqueca da minha vida, e agora vendo os cachorros e pensando na Copa do Mundo eu quis escrever ficção, e agora escrevo isto que não é ficção, sendo que a grande diferença é que isto começa na verdade e a ficção, na mentira, mas isto vai na direção da mentira e a ficção na da verdade, sendo que o bom é quando a coisa atinge algum ponto entre as coisas e a terra se abre e o espírito de Deus volta a vagar por sobre as águas.

Contemplo o dragão ausente.

A cárie

Embaixo do esmalte tem osso, nervos, vasos sanguíneos, mas não parou por aí. O buraco fermentou imundície pela carne molenga da gengiva, logo o maxilar, pescoço mamilos cabelos o cóccix viraram aquilo: um buraco nojento que aumentava. Virou notícia, mas não por muito tempo. Porque da pele passou pra cama, e pros médicos e jornalistas, e logo pontes edifícios gigantes plantações deram lugar a uma graxa, a um avesso, tudo corroído. Do céu desceu uma boca imensa mas já não dava tempo. Com habilidade de copista, Deus trocou nosso planeta por uma prótese em quase tudo idêntica, e aqui estamos: mordendo tão bem quanto antes.

Daqui só vejo a morte.

Brincadeira.

A morte não vê nada. Ninguém vê ela.

Daqui só vejo muito.

Ensinando mamãe

Mamãe não sabe fazer chucha. Então eu ensino mamãe: primeiro se faz cocô. Tem que deixar o cu vazio, o máximo possível. Depois tira o cabecote do chuveirinho e enfia a mangueirinha o bastante pra que a água flua e encha o reto. Mamãe grita sob a mordança, se debate, lágrimas escorrem. A água da chucha também. Tem que repetir várias vezes, pelo menos até que a água saia mais limpinha. Mamãe se machucou e saiu sangue, então tivemos que esperar mais um pouquinho. É preciso ter cuidado, mas dá pra fazer sexo anal seguro, saudável e higiênico.

Ensinando papai

Papai não sabe fazer chuca. Então eu ensino papai: primeiro se faz cocô. Tem que deixar o cu vazio, o máximo possível. Depois tira o cabeçote do chuveirinho e enfia a mangueirinha o bastante pra que a água flua e encha o reto. Papai grita sob a mordança, se debate, lágrimas escorrem. A água da chuca também. Tem que repetir várias vezes, pelo menos até que a água saia mais limpinha. Papai se machucou e saiu sangue, então tivemos que esperar mais um pouquinho. É preciso ter cuidado, mas dá pra fazer sexo anal seguro, saudável e higiênico.

O céu sofre nada é você olha
pro céu um senhor noventa
anos segura a braguilha que
nem um menino e gosta muito
de uma boca ali parada com o
seu naquela boca molinho feito
um útero estar dentro da sua
mãe já sendo assim ossudo
cabelos amarelados bigodes grisalhos
a pele vai afinando não devia
ser o contrário ela grossa
os calos dessa vida só te deixam
frágil e chora muito mais o
olho lacrimeja a ponta do pau
não mas ele suga mesmo assim
tão bonzinho esse menino
quer um lanche quando termina
você pergunta um gosto de porra
na boca não brigado e vai
embora cheio agora de colágeno
e futuro e dinheiro e juventude
besta e essa boquinha que
maravilhas faz você ao se
aproximar inerte triste aliviado
da janela de novo os dedos
agarram os pelos na falta da
braguilha e olha o céu sofre
nada é você

A primeira bicha nasceu da primeira mulher triste. O óvulo é uma célula do tamanho do ponto feito pela ponta de um lápis muito apontado. A bicha também. A mulher, desapontada quando os médicos colocaram no seu colo aquela coisinha estranha e enrugada, tão inapta à continuação da espécie, chorou um misto de alegria e tristeza e sentiu que aquela poderia ser sua libertação. Tudo que é monstruoso nos afaga num sonho o fim. Então o Anjo de Deus desceu e reprovou em silêncio aquela dádiva. Deus desaponta eternamente.

Poemas, como ácaros
estão em toda parte
na cama eles se encontram
quando há tempo, em excesso
só às vezes
causam doença, a pessoa
coça muito, no mais das vezes
invisíveis
flutuam entre nós
agarrados a pedaços de pele morta
e outras sujeiras
só vemos quando atravessam
por acaso um raio de sol
e reluzem

Vovó foi pro inferno e voltou pra contar

Lá
tinha cachorro que falava e o pensamento
dos gatos
dava pra ver em qualquer rachadura de parede

as irmãs da minha vó
todas foram putas menos ela
e tia isolina, que era quase
vovó bastante casta caiu da cama na lua de mel
tia rute morreu de aids numa rua do rio de janeiro
as crianças todas queriam matar a gente
até os netinhos mais novos
diabinhos
cachorrinhos

a televisão é a única amiga
por isso damos boa-noite
pro pastor
que vê tudo que se faz
melhor fechar as pernas entre os comerciais

à noite
minha vó saía correndo
em busca de quê
de um alívio, uma vida
menos volúvel
mas a visão do paraíso era turva
o céu só chove dúvida

quando sinto um aperto no peito
finjo que não é comigo

quando deus me chama à noite
finjo que não conheço
acho que um homem entra em casa
indesejado
e lustra os puxadores das gavetas
brilham tanto de manhã
quem será

esse exército invisível na rua
essas pestes que sussurram na casa
essas pessoas que se dizem minhas
irmãs minha
filha meus
netinhos os
malditos

tudo é confusão e alegria
tudo é difícil e previsível
nada obedece quando eu chamo
nada se nega quando exige
os enfermeiros da maldade
o coro dos anjos do esquecimento
a fome na infância essa maldição

choques elétricos
pulsos cortados
medo da morte

o calcanhar que racha até sangrar
os horrores do mundo do vídeo
meu pai, minha mãe

pra que tudo isso

do hospital se abre um corredor
ele é luz e escuridão
pela última vez minha vó dá um passo pra frente
bem-vinda, maria
ao mundo dos espíritos
aqui termina a sua matéria
eis que inicia uma nova paquera
o abandono te abraça
a ternura te abraça
vovó, boa viagem
vovó, até logo

Sou frágil
fico emotivo
às vezes só
de estar vivo

B o ê m i a t c h a u

já entrei em muito bar mas tem mais
na cidade do que no meu coração
tão pequeno quanto o fígado
é o desejo de ficar vivo
por tempo indeterminado, inválido
pras bacantes entediadas do sábado à noite
tem antes
uma coisa que é quase
uma escolha sem guia, bem-vinda
e bem determinada
a vontade
da orgia
do nada

Estou pescando a infância e peixes estranhos mordem a isca, não dá pra limpar a carne lodosa, meu pai quinze anos já morto me diz joga de volta no rio, isso não presta, mas tudo o que eu tenho é o que a isca atrai, o que morde e segura, batalha depois perde, então abraço o peixe fedido, se debate, é meu, a gente não tem que cuidar do que é nosso? a vitória só me entrega prêmio feio, é pegar ou largar, mas o troféu é muita coisa, resolvo assim: deixo o peixe morrer na grama longe da margem. eu pesquei o assassinato, não o peixe.

Se queimarem
tudo
que fiz
não vão
apagar
esse gozo
de triunfo

se louvarem
igual
tudo
não vão
elevar
esse fosso
de fracasso

o buraco
é fundo
e lindo

já vou indo

Não me deram uns fones de ouvido
pra distrair da vida
como eu gostaria

que você saiu do útero
e por isso é tão nostálgico
é o que dizem

e reclama de barriga cheia
minha mãe
apontava pras crianças com fome e recomendava gratidão

mas não me deram nada do que eu queria
uma foice pra cortar cabeças
um dildo de estrelas

paz, justiça social
sozinho no quarto a morte a cada estalo de dedos
uns fones de ouvido

tocando alanis morissette
desde 1997
não me deram

e eu não pude
e não consigo
e não tenho dinheiro pra comprar

exércitos que resolvam
meus anticorpos ameaçados
orem por mim

em breve
prometo
continuo tentando

música pop
era de aquário
cabeças rolando

Perdidos

Quando as estrelas chegarem mais perto
um rabo de cometa salgado te serpentear
os foguetes fugirem do teu choro no vácuo
ele vai estar lá

metálico
o controle cardíaco descontrolado

avisando perigo, Will Robinson
o amigo de colo gelado

quando as espécies vierem pra te dissecar
e a evolução quiser te fazer de carne moída
você vai ser mais primário que as pedras interplanetárias
torça pra ele estar lá

robótico, mas homoerótico
os jatos de diesel mexendo por dentro
te amando o bastante pra não te deixar
morrer sufocar apagar se perder

o amigo insólito
mas único a te proteger
do perigo
Will Robinson

O branco
das paredes brancas
não é assim tanto
em certo continente
deve haver
um povo de pintores
de parede
que tem três
trezentas
mil
palavras pra dizer
do branco
(nenhuma
que chegue
a tanto)

*

escolha
o tom
o tonto
tabelado
tingido
a sangue
de barata
faça
a cara
que se espera
pálida
anti
primavera

*

num poço
de padrões
no traço
dos trovões
atravessa
os travessões
um termo
sem término
nem termômetro
nem tormento
no travo
da língua
ele estoura
pra dentro

*

não fuja
da fossa
que afunda
não roce
no rabo
o remédio
não saia
da saia
do século
não cale
o que come
por dentro
nem force
o que fala

pra fora
agora
a palavra
vai embora
durma
com esse
barulho
à noite
quem sabe
aurora

L a v a n d a

Nasceu e pronto: tá preso. Nem médico nem maçarico conseguiram cortar o cordão umbilical. Ficou a tripa seca atada entre os meios, a mãe amaldiçoando eventualmente o momento da concepção e do parto, "ai se eu soubesse", mas não sabia e, pensando bem, ou se proibindo de pensar, o amor materno é maior do que qualquer adversidade. Ele não.

Ele ia se enrolando nessa corda que não só não caía: aumentava. As pessoas ignoram como são abençoadas. Mesmo as gêmeas siamesas: pelo menos não têm a ilusão sempre frustrada: da independência. Individualidade, como você quiser chamar. E tropicava; num descuido a coisa vinha pro pescoço; podia tecer um suéter com aquela lã áspera de sangue coagulado; mas nada, nada adiantava.

Depois de recusarem muitos convites pra aparecer na televisão, e porque ela já estava velha e cansada e a vergonha dele só crescia, foram morar numa caverna. Imagine uma caverna no cerrado brasileiro. Com os calangos e as cobras comendo-se harmonicamente, em volta. Passaram anos.

A mãe morreu. Inchou, se decompôs, secou, e nem assim. As cidades não tão distantes contavam a lenda do ermitão preso a um esqueleto que vinha sequestrar as crianças malcriadas. Ele viveu trezentos anos. A mãe não era mais que um fêmur com alguns ossos indistintos em chocalho quando enfim aquele cabo de guerra acabou. Tuf, como se tivesse sido fácil, assim, desde o começo. O homem velho e barbudo olhou bocó a liberdade impossível, de repente entregue sem motivo. Ficou umas horas parado, sem saber pra onde ir. Então se agachou e recolheu os ossos. Se tivesse lágrimas, chorava. Se pudesse morrer, tombava

ali mesmo, e seu futuro seria seco e desmembrado como o da sua mãe. Qual era mesmo o nome dela? Tinha a lembrança vaga de umas bochechas gordas levantando-se em sorriso. E de um perfume estranho, fresco, parecido com lavanda.

Competição de quem deixa mais xícaras
do lado da cama, latas de leite condensado
pela metade, dentes guardados no escuro
dentro da boca, tesouras sem ponta
no estojo da infância

carcaça de cachorro na memória do dedo
língua sangrando com chiclete
gosto do ranho que escorre

apresentar atestado
pra esse esporte
não importa

escadas rolantes metafísicas
giro do globo da morte
incêndio que cria oxigênio

ganha
quem perde
por último

Manual de leitura

1

Só aceite o que te agarra

2

Insistir no que chateia
até ter muita raiva

3

Insistir no que chateia
até fazer as pazes

4

Tesão
é questão
de jeito

Sonhar com as coisas
mais banais do dia a dia
boletos e a louça
suja na pia

melhor deixar
o enxame de saguis
a onda gigante
os intestinos de deus
e os parentes mortos

pro espaço entre
um passo e outro
na rua a caminho
do trabalho:

abrir a fenda da noite
nos momentos mais claros

Antiditadura

Manas
a gente é uma raça
que nem ratos e baratas
dos bueiros da história
a gente não acaba

mata uma e tem outra
mata cinco e vêm vinte
a gente é uma peste

o delegado tem pesadelos
com um dedo espetando lá atrás
e desconta na gente

a matrona treme de medo
de que tudo desmorone
e desconta na gente

se você for pensar
a gente é muito útil
pra eles

isso não é pra consolar
mas eu juro que as fábricas de detefon
estão cheias de baratas

isso não é pra consolar
por que não podem
as baratas e as galinhas
e os ratos e os gatos
viver em paz

que nem nos panfletos
de jeová

manas
vamos aprender krav magá
a fugir e a gritar
a dar nós e desatar
sério
sejamos práticas no nosso medo
eu mesmo
aqui escrevendo estes versinhos
tenho um plano
manas
tenhamos planos

se invadirem o vale
se nos mandarem pra ilha
se toda a chechênia
perder o trocadilho

do coquetel *molotov*
ao *paso doble*
do sinal enigmático
ao ney matogrosso

é bom ter planos

e se nada mais der certo
bom
não alivia pelo menos um pouquinho
saber que deu?

que as fábricas de raticidas
têm ratos nos esgotos
que a balada do baygon
tem baratas na *jukebox*
que no pior dos casos
a gente é uma raça

vária apesar de precária
bonita apesar de engraçada
presente apesar de passada

e juntas
e todas
e misturadas

a gente não acaba

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos

1

Os vossos poréns
e améns pra ninguém

as garras
criadas sobre o Cristo

mil faces mornas
e fome de grana

mil faces lobas
em crença de ovelha

2

O vosso gosto
pelo próprio gosto

o vosso corpo
contra o nosso corpo

o vosso coro
alegando nojo

as mãos lavadas
neste rio de sangue

3

Que o Céu se abra
e vomite a cara
que se enxerga áurea

que o Tempo cuspa
esse reflexo
sonso

que a Cruz Santa
pregue os dedos
em forma de arma
contra o Deus Eterno

que Ele empalhe
o Medo e o guarde
à vossa vista
no vosso Inferno

Deus tem aids

Jesus no caminho
quanto sangra, Senhor, e balbucia
umas palavras em aramaico que se perdem
entre os estalos do chicote, os gritos de alívio do povo

língua santa no cangote de ninguém
dois mil anos Te aguardando e Tu não vens
guardo cada gole de saliva
na esperança de dar

de beber, sozinho, engulo
não tem oferta que Você venha buscar
paciência

conto as cópias de vírus no meu próprio sangue
balbucio em português outras palavras que se perdem
entre buzinas de automóveis, meu corpo produz líquidos

*

Por que
Te escondes
no papel-bíblia
nos perdigotos de pastores argutos

não tens artérias que jorrem
cravadas nos pregos que fácil
estar na eternidade imóvel e insensível
em madeira, pensamento e folhinhas de calendário

em pilates, salada e terapia

lençóis limpos dançando com o vento
as rugas do intestino e suas fezes

curas e cotidianos aceitáveis
listas de afazeres dois mil e dezessete
caminho, verdade, vida

*

Ele enxuga as lágrimas dos aflitos
com Seus beijos de lábios ressecados
meus dedos tocam Sua costela sob a fenda
e eu me resigno a tomar os comprimidos

Senhor, com que raiva
secaste a figueira que não tinha feito nada
e mandaste pros abismos da morte
aquela vara de porcos inocentes

agradeço o quanto posso
não ser árvore, não ser porco
à Tua imagem e semelhança

ter medo fome e orfandade
no mais profundo da minha subjetividade
merecer cada castigo aplicado com vontade

*

Entre atraques com rapazes babacas
entre amores de verdade e caras casados faz décadas

nos rabos um gosto de látex
que as mulheres não farejam

o Filho de Deus
um vírus manso
Pôncio Pilatos e Barrabás
renova Teu medo da morte

agradece
a companhia indiferente
os covardes que gaguejam e Te negam

é como qualquer outra coisa
essa esponja encharcada de vinagre
mata a sede e dá saúde até que acabe

Com fúria fúnebre

Tudo o que se escreve
o que se canta o que se dança
não adianta

onze mil pessoas
marcharam em toronto
três milhões e meio
pelas ruas de são paulo

se somos
dez por cento
de sete bilhões
no planeta
faça as contas:
não tem
regra de três
que te traga de volta

nem pronome
oblíquo átono
que sustente
tanto nome à revelia
em certidão de óbito

textos de luto
poemas fúnebres
foda-se

gritar
não esqueceremos
de vela na mão

nós esquecemos

pesquisadoras da mesma universidade em que você foi morto
encontraram oitenta e seis bilhões de neurônios no cérebro
humano

bem menos
que os cem bilhões
que acreditávamos ter

tivéssemos
trilhões ou mais, talvez
soubéssemos dos assassinos
até a preferência
do almoço da família um dia antes
de abaixar as suas calças, de te dar
de braços, de graça, pra noite, pra sempre

mães de todos os continentes choram filhos mortos
saturno mastiga a gente antes do futebol de sábado
no sábado encontrarei amigos e seu nome passará

entre uma mordida e outra
a língua desvia dos dentes
ninguém te soletra
no entretempo

estatísticas tecem a rede que prende
o anjo que olha as ruínas do foda-se
outras letras com seus nomes vão morrendo
que nem os neurônios

com o tempo
eles não se regeneram

temporada de caça sempre aberta

no escuro os viados se encontram nos campos
pululam a última da lady gaga
e quando se tocam a luz que sai do corpo
deixa a gente exposta acende várias lâmpadas

o nome disso tudo não tem nome:
chama sinapse fluorescência
diego vieira machado
etc.

Era uma vez uma barata que não acreditava em Deus

ela também não acreditava em mais nada que não fosse o que estava na frente da cara dela, indubitável

as baratas comem quase absolutamente qualquer coisa. E não consta que orem antes da refeição pra agradecer

por outro lado, elas não têm muito senso de direção. Por isso é que correm pra gente, em vez de fugir. Apesar de hábeis sobreviventes, elas não sabem pra onde ir

foi assim que essa barata, um dia, morreu, sem nunca ter tido um nome, esmagada: pela sola de um chinelo

sem saber o que tinha acontecido, sentindo apenas uma dor breve e aguda, ela viu se separando o que estava desde sempre dividido

seu corpinho ficou em meleca e casca dura espalhado na superfície do chão. Seu espírito se esgueirou pelas paredes e cantos dos tetos, matéria liberta da gravidade que subjuga todas as outras matérias

e quanto mais subia, mais perto da luz ela chegava

na terra, as formigas faziam a festa com o cadáver deixado pra trás pelo nojo assassino. No dia seguinte, a água sanitária fez o resto

imagino Deus como um ralo reluzente de água sanitária infundável em redemoinho, sugando tudo que é possível pra dentro daquela pureza maníaca

o espírito da barata entra no balaio. Ou foge, por costume, pelas

frestas do banheiro do Senhor. Ou corre pra outro lado e se junta, por acaso, com bilhões trilhões de outros espíritos da mesma espécie, numa grande nuvem cósmica

é o ninho metafísico das baratas. De onde nascem, toda noite, os sonhos das que estão aqui na terra. E que dormem: como se nunca, fossem, morrer.

P a s s e i o

para o Luiz

quando
o menino vê
que há uma calçada
do outro lado, ele corre
pra alcançá-la
ainda que chegar não seja
um ponto de chegada

ele
alterna as pernas curtas
em passos que o encaminham
para
um destino longe dos meus olhos
e dos olhos dos meus cachorros
atentos, tanto eles quanto eu,
aos estalos provocados
pelo trote de um menino
indiferente à irrelevância
de correr
por diversão

então meus cães
indiferentes também eles
à tristeza
com que eu olho o menino
ir embora
põem-se a puxar
meus braços atrás
dos seus focinhos tão curiosos
e urgentes

como as pernas
dele

*

é urgente
respirar e é urgente
beber água e excretar
o que o teu corpo não
precisa ou digere, é
urgente que eu me encontre
entre a criança e os cachorros
prestes
a completar
trinta anos de olhos
pernas de corpo
e de nome, ricochete
entre as urgências
de outras pernas de meninos
de desejos
e cachorros, é urgente
que estes trinta, testemunhados
retornos do sol
em cima
encontrem
o tema de uma vida
entre carros e urgências
e meninos e
animais amarrados à coleira ao alimento
e aos rabos que abanam
irrelevantes e atentos

quando eu chego

*

entre os agasalhos de lembrança
da família e o salário recolhido
das feridas e os remédios ofertados
pelo programa nacional
de combate à aids

entre os livros e os beijos
e a poeira e o medo e
as frieiras e os conflitos

o dia racha
espaço pra nascer
o abismo raso
dos cachorros
o trote solto, ignorante
de um menino
e eu me encontro, perdido
entre eles
puxado de um lado para o outro

entre o futuro
a gravidade
as notícias
e a morte

entre os cachorros
e a empresa

e a família
e o desejo
de ter um filho

*

que todos
os bichos corram
sem ter aonde chegar

e que ao chegarem
se esqueçam
do caminho que fizeram

e que respirem
por urgência
sem vontade de saber

(quanto menor o coração
mais depressa ele se move)

e que o destino feche os olhos
e deixe-se levar
pelos cachorros

Fancy cars that go very fast you know they never last no, no

– *Madonna, Express Yourself*

Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos!

Que leve sussurro temos ouvido dele!

Mas o trovão do seu poder, quem o entenderá?

– O livro de Jó, capítulo 26, versículo 14

o poeta, nas trevas, anunciou.

– *Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade desce aos infernos*

Créditos, agradecimentos e dedicatórias

Não tem como listar por nome todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente na criação desses poemas.

Nada se faz sozinho.

Tirando os execráveis agentes da maldade, contra os quais escrevo com ódio e aos quais só desejo o carma, enfim, tirando esses podres apodrecedores, arcaidezinhos, hermógenes, farinha-pouca-meu-pirão-primeiro, oquidão de satanás, xucros matadores de mães, enfim,

tirando essas pessoas,

sou apenas grato e só emano amor.

*

O livro *Relento* não pôde ser impresso até o momento, mas já recebeu uma edição linda, com desenhos de Luis Filipe Pôrto e projeto gráfico de Lila Botter, preparada para a editora Mostra, da Casa 1 – centro cultural e casa de acolhimento da população LGBTQIA+ de São Paulo. Conheça a Casa 1 e saiba como apoiá-la em casaum.org.

Os poemas "Carta para o HIV" e "Passeio" foram escritos para diferentes edições da revista *Gratuita*, da editora Chão da Feira. "Carta para o HIV" também foi publicado, junto a "Deus tem aids", na antologia *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids*, organizada por Ramon Nunes Mello e publicada pela editora Bazar do Tempo. De resto, acho que nenhum outro texto daqui foi impresso, mas posso estar esquecendo algo; nesse caso, peço desculpas.

*

Dedico este livro a quem encontrá-lo. Com amor, dedico-o também à minha mãe, às amigas maravilhosas, ao Luiz – ao lado de quem escrevi quase tudo nos últimos nove anos – e aos meus sobrinhos, Samuel e Elias, que inauguraram o mundo em 2020: nascer é um exercício de coragem.

E dedico este livro à memória da minha amiga Betty, Fábio Rosatti, que nasceu purpurina, brilhou tudo que pôde e tombou no Tempo.

Marcos Visnadi

São Paulo de Piratininga, 5 de fevereiro de 2021

230.127 mortos de covid-19 no Brasil

1.244 nas últimas 24 horas

POSFÁCIO

Júlia de Carvalho Hansen

Imagino agora a sua conclusão: ninguém escreve como Marcos Visnadi. Se a contemporaneidade é sempre legislativa e insuportável, os poemas deste livro sofrem de uma liberdade vital e destrutiva: escrevem com o presente. Liberdade da consciência que investiga o fundo do que está no fundo e recria a fábula de se estar vivo a cada instante. Com os poemas de *Se ficar muito difícil (2013-2020)* a gente gargalha, morre de medo, sofre de tristeza infinita e se libera pela graça, mesmo que aflita.

Os múltiplos eus destes poemas estão traumatizados e, achatados, encontram brechas nos sentidos inventados, são imaginativos em seus relatos. E riem, como quem observa um caleidoscópio: pensar por vezes é retorcido, distorcido, antagônico, e o que é alegre pode também ser incômodo.

A confissão é o meu forte. Sempre que me coloquei a escrever este posfácio senti uma puta mistura de entusiasmo com aflição. Afinal, como marcar comentários paralelos a uma trajetória de anos de escrita abundante e variada? Ainda mais de alguém que vive a experiência cotidiana da escrita, permitindo à escrita o que ela mais permite: a diversão e a sobrevivência.

Adorável também por isso, *Se ficar muito difícil* nos afirma que escrever é fundamental. Escrever é sobreviver na convivência com o mundo, que invade, é injusto, incerto, ineficaz, cruel, destrutivo e lindo. Absolutamente lindo. Simultaneidade não excludente das sensações, fui acompanhando a leitura destes oito livros reunidos num misto de ânimo e pânico. Afinal, os acontecimentos desses poemas são perigosos, sempre pode aparecer uma boca cheia de mosquitos no lugar de dentes.

Quando pra nomear esta reunião de livros pensei no adequado e literário termo volume, ah, porque é volumoso, dei uma gargalhada imaginando algo se mexendo entre as pernas de alguém. Este livro tem tanto de erótico e erodido. Estamos todos fodidos. Mas é assim mesmo que posso tratá-lo? Hilda Hilst e a avó do Visnadi acho que me diriam que sim: com a espontânea e espantada naturalidade que convém. De outra maneira é que não haveria de ser: tenho como régua do rigor a dura liberdade da consciência que se expande e contrai nos poemas do Marcos Visnadi. Ou, melhor, como diz um verso de "Elogio ao mole", do *Língua no períneo*: "encontro o que quero no sono entre as pernas".

Vou tateando. Mas me justifico: por que a aflição? Primeiro porque costumo achar os posfácios em livros de poesia peças um tanto falsas. Os poemas são fortes, são corpos vivos; já os comentários agregados a eles facilmente soam dispendiosos e, muitas vezes, dispensáveis. Sabendo disso, de que é um gênero por si só um tanto *fake*, nem me dei chances de começar essas linhas com o que, no entanto, direi: depois de uns 15 anos esperando, celebro a publicação desta obra reunida dos poemas do Marcos Visnadi. Sabendo que, se fosse uma celebração, capaz de que o autor não comparecesse. Vamos aos quitutes.

O primeiro é íntimo: me contraiu e estimulou o gesto de escrever este posfácio porque a vida a que se atribui a assinatura destes poemas é a do meu melhor amigo. Amado, amável, amor. Querido. Lindo. Um gato. Charmoso. O melhor. Vocês sabem. Bem sei que os posfácios costumam esconder esses traços de admiração vinculativa, porque podem comprometer toda autonomia intelectual (risos). Mas nem sou tão iluminista assim, como aqui esses traços reforçam a legitimidade do dito, justamente porque este texto é feito de afeto e convívio. Também porque, num momento histórico (2020/2021) em que estamos detonados por conta do genocídio a que se atribui o nome de "governo" do

Brasil,¹ certamente a amizade (o vínculo espontâneo e cultivado) é dos bens mais valiosos entre os seres vivos. Um abraço pra você, leitora, leitor, leitorx, que também precisa de amor e humor pra seguir em frente, ou mesmo pra ficar parado.

Mas chega de introdução! Os poemas do Marcos Visnadi observam a vida cotidiana e a inventada, a própria e a alheia, com amor e esmagamento. Se males neles reluzem, brilham também lascas de compaixão e admiração pelos seres viventes – sobretudo os animais recebem doses inebriadas de admiração e riso. No entanto, isso, o trato de ter atenção aos seres viventes, não extingue a complicação de se estar vivo, ao contrário, a complexifica. O Dr. Yip é um médico cheio de sabedoria e graça, já o Jair não sabe a graça que é dar o cu.

*

Já que consegui começar, preciso continuar. Parece que o gênero de um posfácio se faz de adjetivos e, pra qualificar este volume de oito livros reunidos em *Se ficar muito difícil*, trago logo dois: raro e radical. Em primeiro lugar, quem afinal publica um primeiro livro de poemas que na verdade são oito livros acumulados em sete anos de profusão nas imediatas e fugazes mídias digitais? O Marcos Visnadi. Acho que posso dizer destes poemas que são resistentes aos papéis.

Perante a violência de existir neste começo de século, muitas vozes necessitam com legitimidade da poesia para a ocupação expressiva contra as violências que oprimem os corpos individuais e coletivos. Para operarem o contágio que os efeitos expositivos de um poema podem agregar nas consciências, muitas escritas fazem poemas com o uso de temas caros ao

1. Já cantou o poeta em *Língua no períneo*: "Ó Brasil, Pátria Arrombada".

contemporâneo, utilizando seus esforços linguísticos em discursos que preenchem o esperado, seja pela mediação da problematização política, pelos rituais dos algoritmos, das cápsulas de preenchimento com clichês, etc. É algo que já aconteceu em momentos diversos no século XIX e XX com as práticas poéticas, formulações de fórmulas que interseccionam a poesia em ferramenta política. A poesia serve a isso, claro, como serve ao que quisermos que sirva.

No entanto, é possível fazer gestos políticos em poemas de forma bastante diversa. É o que me impressiona neste *Se ficar muito difícil*: tocando nas feridas do gozo, do gênero, da doença, da discrepância da merda da sociedade em que vivemos, estes poemas vitalmente críticos e políticos escapam de qualquer hábito de condução do relato em que os discursos politizados tendem a se moldar atualmente. Os poemas do Marcos Visnadi escapam à adesão, saltam pelas brechas do inesperado, questionam, e não buscam finalizar as questões que levantam, nem as facilitar. Ao contrário: nesses poemas, escrever é investigar. Fogem de convenções tácitas e até mesmo do imaginário de que seria necessário fugir das convenções. Mas aí mora também a angústia: se esses poemas já escaparam, sofrem também pelo despertencimento, estilhaçados numa antissociabilidade onde pulsa um coração corroído, desmontado e fascinado pelas trocas em sociedade, entre os viventes.

Pra mim, os textos do Marcos Visnadi são sempre um reforço ao valor da ficção, da imaginação, da sensibilidade que a literatura permite como prática em si fundamental ao gozo, ao mundo, ao convívio, à respiração. Isto porque esses textos não submetem a literatura a nada, seja a um meio de expressão política, de apropriação temática, ou à produção de conteúdos que ajudem a resolver as coisas. Talvez o gesto mais radicalmente político desses poemas seja a liberdade constante de escrevê-los como

quem pensa, enquanto pensa, inventa, sente, documenta, descarta e reconhece.

Se ficar muito difícil é radical porque é livre, mas também é radical porque busca o buscar, isto é, o Marcos escreve como quem arranca o que está plantado desde a raiz, para assim observá-la de perto. Sempre que se aprofunda na investigação, acaba por reconhecer que antes ainda da raiz houve a semente, ou o barro de onde todos viemos e, assim, sucessivamente, etecetera.

*

A escrita pulsante dos poemas do Marcos Visnadi se move em forças mobilizadoras de investigações da vida, buscando uma gênese da gênese que informe alguma estabilidade ao entendimento, mesmo que a sabedoria seja transitória – e o fim coincida com a certeza da catástrofe. Há um instinto pueril nisto tudo, porque a poesia também é uma criança (por vezes alegre, por vezes cruel) nomeando o mundo, inventando-o na sua precariedade mágica. Na puerilidade e na gênese pulsam o erógeno e o erodido, cheio de buracos esvaziados, buracos por preencher, onde o prazer e o vazio coincidem.

Talvez eu devesse ter avisado antes: esse último parágrafo que escrevi acima tenta comportar um tracejar de possibilidades que o meu pensamento devolve à leitura dos textos do Marcos. Enquanto leio, rastreio palavras-chave que sintetizem as minhas impressões. A partir disso, acabei por traçar seis palavras em três transversais na minha observação de leitura de *Se ficar muito difícil*. São:

Criança – Sabedoria
Gênese – Catástrofe
Vazio – Prazer

São tensões que reconheço nos poemas do Marcos há anos, eixos não antagônicos, mas opostos e complementares, isto é, não se resumem a polaridades consecutivas ou resolutivas, mas formam oposições agregadoras e insolúveis. Por vezes tais eixos funcionam como uma gangorra, batendo num ponto de limite ao outro, em outros momentos são mais como uma fita de Moebius, indo ao outro e retornando de forma helicoidal a si. Cada um dos três eixos se metamorfoseia no outro, não havendo um que seja o primeiro, ou o principiante de consecutividade que leva ao outro, não; funcionam mais como vizinhanças, órbitas, ou camadas sobrepostas. Por exemplo, enquanto falamos de gênese, há vazio e sabedoria, e simultaneamente uma criança indaga ao prazer o quanto ele tem de catástrofe.

Trago a criança pelo que ela colabora num espaço de cogitações e alumbramentos, pelo que dita: "olha!", eis que o mundo se move e inventa em gênese. Isto é terrível, é risível, e faz-se em verbo: "E Ele disse: Eis que faço animaizinhos e plantas que se extinguem, e tudo tem uma função. E a sua é perguntar-se: Qual a minha?".² A poesia é um campo de pesquisa constante na fronteira entre o que tem nome e o que ainda não tem. Esta voz que nomeio de criança sente seus atritos de prazer, mas é cruel, esbarra em normas: "Eu quero enfiar tudo no meu cu, mas minha mãe não deixa".³

É como se a genuína puerilidade da criança criasse resoluções. A isto, chamei sabedoria. Impermanentes, precárias, amalgamadas pela ironia, transbordantes e infinitas são as formulações sábias nos poemas do Marcos Visnadi: "Não existe objetivo que permaneça frente à coceira";⁴ "a véspera também pode ser um trem";⁵ "moral da história: a predadores não dê palpites".⁶ Como o compromisso dessas sabedorias parece ser com a criança, com

2. De "Cosmos", no *Relento*. 3. De *A vontade de viver*. 4. De *Hai cães*. 5. De *Poemas pra crianças*. 6. De *A vontade de viver*.

a radicalidade de que o saber pode estar em toda e qualquer parte do mundo, basta observá-lo como se fosse a primeira vez, mais uma vez. Assim, ao estabelecer alguma sabedoria acaba-se por retornar à criança, mas, em contrapartida, a sabedoria se desdobra em uma gênese.

Dentro da formulação de sabedoria, o que forma resolução, resposta, é precário e tão instável que logo se desdobra na aparição de um sentido ainda mais preciso, o da busca de uma gênese e de algo atrás dela, uma gênese do antes que tanto se desdobra, se desmonta até que a gênese inventa e coincide com a catástrofe. Cito, de *A vontade de viver*: "tem que ser assim: há quatro bilhões de anos / moléculas nervosas se juntaram e formaram / carbono que eu não sei / as primeiras protobactérias / simultâneas num acaso certo / e nós somos seu desdobramento / vem um vírus que se alastra e mata / o vírus também é a vida que quer viver / esse é o seu ensinamento / tanto é que depois da mulher morta nós continuamos aqui / pondo veneno nas batatas para matar os cupins".

A catástrofe é gênese e repõe o vazio da falta de um sentido natural das coisas. Sofrimento de um sujeito erodido, mas também vitalizado pelo mesmo motivo, pela busca por preenchimento do vazio. Nesta consciência do vazio é latente a experiência do experimentar, e a investigação da erosão do corpo e da erosão do sentido, ah, é e dá prazer. Por sua vez, a vontade de possuir o prazer esvazia qualquer um. O que leva novamente à catástrofe – que remonta à criança, à gênese, à sabedoria, e assim por diante – em circulação. Cada um dos buracos, sejam eles os do corpo, os do tempo ou os do sentido, cada um deles é vazio e prazer.

*

Como diz o *Eclesiastes*, "no meu princípio está o meu fim". *Se ficar muito difícil (2013-2020)* traz a marcação temporal desde o título. Já tomei tantas liberdades neste posfácio que está terminando, então me atrevo a dizer ainda que os poemas deste livro mostram feridas desta época numa consciência radicalmente diversa da consciência desta época. Consciência que sofre, liberta, capturando o tempo e sendo capturada também, se mantendo sempre vigilante, mas nunca alheia aos acontecimentos, aos outros seres ou à própria sensibilidade.

É como uma metafísica pop e hiper-reflexiva. Aliás, deus aparece o tempo todo nesses poemas, nunca mistificado, mas enquanto questão que recompõe a busca pela gênese, pela sabedoria, ou mesmo como o significante da crueldade, da catástrofe, o que talvez nomeie também uma face da total incapacidade do contemporâneo de dar sentido ao sentido.

No entanto, o que respira nesses poemas é alegre, sempre, mesmo que amassado ou pouco convicto disso, entristecido ou enlutado pelo agressivo mundo do convívio. É alegre. Gosto desses poemas. Porque encontro neles uma criança que é minha amiga e é sábia, por isso constrói e destrói a sabedoria. É verdade, dá algum trabalho inventar a gênese das coisas, ficamos cansados, mas a catástrofe virá afinal como já veio e, longe de resolver as coisas, vai complicá-las, pra que a gente precise investigar um pouco mais nossos buracos e preenchimentos. Experimentando o resvalar do vazio, sentiremos, assim como sentimos já: é, prazer, palavra.

Se ficar muito difícil: poesia reunida, 2013-2020



CC BY-SA 4.0, Marcos Visnadi, 2021

Os poemas deste livro podem ser remixados, adaptados e usados para outras criações, mesmo para fins comerciais, desde que atribuído o devido crédito autoral e que as novas criações sejam licenciadas sob termos idênticos. Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.

Poemas

M a r c o s V i s n a d i

Posfácio

J ú l i a d e C a r v a l h o H a n s e n

Texto de orelha

H é l i o M e n e z e s

Projeto gráfico

L i l a B o t t e r

Ilustração da capa

M a y a n a R e d i n

Retrato do autor

G u i M o h a l l e m

Produção editorial

A l c i a n a P a u l i n o

Consultoria editorial

T h a i s a B u r a n i

Revisão de texto

L i a U r b i n i

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Visnadi, Marcos

Se ficar muito difícil : poesia reunida, 2013-2020 /
Marcos Visnadi. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-32604-8

1. LGBT - Siglas 2. Poesia brasileira I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Este livro foi composto nas fontes Kulturista e Germalt e impresso em papel Pólen Soft 80 g na cidade de São Paulo, na gráfica Cinelândia, em outubro de 2021, quando se somam mais de 601 mil mortes por covid-19 no Brasil. Mas é primavera no hemisfério Sul. A tiragem é de 1.000 exemplares.